



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
DEPARTAMENTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

NOÁ ARAÚJO PRADO

ESCRITOS DE UMA GUERRA PLANETÁRIA

FORTALEZA

2019

NOÁ ARAÚJO PRADO

ESCRITOS DE UMA GUERRA PLANETÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Francimara Nogueira Teixeira

Coorientador: Prof. Dr. Héctor Andrés Briones Vásquez

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P918e Prado, Noá Araújo.
Escritos de uma guerra planetária / Noá Araújo Prado. – 2019.
114 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte,
Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Francimara Nogueira Teixeira.
Coorientação: Prof. Dr. Héctor Andrés Briones Vásquez.

1. Guerra Planetária. 2. Antropoceno. 3. Meio-ambiente. 4. Artes. 5. Armas terranas. I.
Título.

CDD 700

NOÁ ARAÚJO PRADO

ESCRITOS DE UMA GUERRA PLANETÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Aprovada em: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Francimara Nogueira Teixeira (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Patricia de Lima Caetano
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Leandro Colling
Universidade Federal da Bahia (UFC)

Ao Diabo, por ter sustentado a existência de processos considerados desde sempre satânicos pela igreja católica e a inquisição.

Aos meus pais, Ivana Araújo Prado e Daniel Araújo Prado, pela manutenção e garantia da minha existência desviante.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Aos professores participantes da banca examinadora Patricia Caetano e Leandro Colling pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

À minha mãe e ao meu pai, pelas transmissões genéticas, pelo amor e pela presença. Por nunca ter impedido a manifestação da minha carcaça alienígena.

Ao meu irmão, pela materialização da divisão de um peso ancestral.

À Fran Teixeira pela cumplicidade, amizade, expansão dos limites e por me mostrar ser possível existir amor e cuidado nas relações de trabalho.

À Natalia Coehl, pela concretização de uma relação que me faz aprender as possibilidades de existir na cidade através de uma forma de combate menos suicida, entendendo ser possível a fundação de novos hábitos, novas formas de alimentação e uma correlação menos danosa com a habitação do espaço.

À Loreta Dialla, por ter me convidado para habitar um novo espaço, tornando a saída das casas dos meus pais algo bonito, passando a credibilidade que eu precisava ter para realizar a minha transição de gênero de uma maneira estruturada e confortável. Pelas trocas e pela investigação do transe. Pela destituição do peso dos significados. Pelos diálogos sobre a mutação dos corpos através da investigação horizontal com as materialidades não-humanas.

À Juliana Tavares, pela relação de confiança que me foi depositada durante quase cinco anos, mesmo não sabendo ao certo o caminho que iríamos tomar, mas acreditando ser necessário se jogar no abismo do desconhecido para que pudessemos fundar algo com o qual não tínhamos referências anteriores para lidar até então.

À Andréia Pires, por ter oferecido seu corpo para que uma missão fosse realizada no carregamento de um ovo dentro do seu intestino, mesmo sabendo que isso poderia custar a sua vida terrena. Por acreditar na instauração de mundos alienígenas dentro do Sistema Terra.

Ao Victor Costa Lopes, por ter encampado a realização de dois filmes completamente destoantes dos modos convencionais de realização no audiovisual. Por acreditar na importância dessas realizações.

Ao Breno de Lacerda por estar comigo nos momentos mais delicados da feitura dos dois filmes, por segurar todas as barras inimagináveis de uma maneira tão paciente. Por ser um amor de pessoa.

Ao Yule Bernardo, pela presença constante e pela força oferecida ao meu corpo durante quase todos os momentos difíceis que chegam à beira do insuportável por diversas vezes.

Ao Honório Félix por construir comigo o entendimento de que arte e vida não se separam, compreendendo que os processos artísticos estão sendo construídos na coexistência com nossos processos de vida. Pelo amor.

Ao Flávio Carvalho, por me abrir campos até então desconhecidos. Pela sustentação, pelo apoio e pela presença. Pelos diálogos. Por me fazer entender a utopia e a distopia.

À Nádia Camuça e ao Raí Santorini pela disponibilidade em construir novos mundos.

Ao Henrique Gomes pelo compartilhamento de sonoridades que nos mostraram um outro entendimento acerca da utilização da palavra dentro dos processos artísticos.

À Nataly Rocha pela convocação das forças terrestres e pelo encontro com agentes alienígenas capazes de instaurar novos procedimentos metodológicos.

À Devon Zoal por estar comigo sempre, mesmo às vezes sabendo ser quase insuportável suportar o peso de habitar um corpo desviante.

À Toni Benvenuti por todos os conselhos, pelo acolhimento, por me apresentar as possibilidades do universo acadêmico.

À Rafaela Diógenes por estar disposta a trocar vídeo-cartas sobre o fim do mundo. Ela na Cataluña e eu em Fortaleza. Pelo amor e pela amizade. Pelo encontro em rede.

À Aspásia Mariana por expandir meu entendimento acerca dos terranos através da existência dela e da maneira como ela se insere na não-separação entre arte e vida.

Ao Filipe Acácio pelo encontro no Parque Rio Branco e pelo estímulo. Por me apresentar referências importantes. Por estar disponível ao diálogo.

A Claudia Marinho por me apresentar ao Julio Lira e ao Percursos Urbanos.

Ao Andy Mawum por abrir os portais dos meus entendimentos acerca da história por trás dos espaços. Por trás do antropocentrismo.

Ao Julio Lira pela criação e resistência do Percursos Urbanos.

Ao Héctor Briones pelos conselhos que desembocaram na reformulação do meu projeto inicial de Mestrado.

À Patricia Caetano pelo entendimento acerca da performatividade da vida. E da vida como obra.

Ao Wellington Jr. por me mostrar que também sou artista visual.

À Ada Kroef por me apresentar ao devir imperceptível.

À Deisimer Gorczewski pela oportunidade que me deu de falar em público sobre a minha metodologia de escrita. Por fortalecer a importância desses outros formatos de escrita na Pesquisa em Artes.

Ao Pablo Assumpção por me sugerir que realizasse uma genealogia dos ativismos.

RESUMO

Esses escritos tratam da construção de um texto-corpo-pensamento que se funda processualmente na lida com o contexto planetário. Esses textos surgem das sensações que perpassam o contato do meu corpo com o conhecimento dos assuntos em torno da catástrofe em curso. Uma espécie de texto-experiência. É sobre a construção do pensamento que se dá durante o processo de vivência corpórea da pesquisa, encarando de modo radical o não-distanciamento do meu corpo de pesquisadora. São escritos que performam o meu estado de pesquisadora em busca de um pensamento que caminha junto com o sensório.

Palavras-chave: Guerra. Antropoceno. Meio-ambiente. Artes. Armas.

ABSTRACT

These writings deal with the construction of a text-body-thought that is grounded procedurally in the context of the planetary context. These texts arise from the sensations that permeate the contact of my body with the knowledge of the subjects surrounding the ongoing catastrophe. A kind of text-experience. It is about the construction of the thought that occurs during the process of corporeal experience of the research, facing in a radical way the non-detachment of my body of researcher. They are written that perform my state of researcher in search of a thought that walks along with the sensorium.

Keywords: War. Anthropocene. Environment. Art. Weapons.

Essa dissertação não tem sumário.

“A cotação da linguagem caiu a zero e, no entanto, escrevemos. É que há um outro uso da linguagem. É possível falar da vida e é possível falar desde a vida. É possível falar dos conflitos e é possível falar desde os conflitos. Não é a mesma língua nem o mesmo estilo. Tampouco é a mesma ideia da verdade.”

Motim e destituição. Comitê invisível. Página 11.

Interessa a mim com essa variedade de escritos que aqui exponho, antes de qualquer coisa, a construção de diversas maneiras de exercitar o pensamento-processo artístico em torno da guerra planetária em curso. Há, segundo Bruno Latour, uma guerra planetária em curso. Ele escreve: “Há decerto uma guerra pela definição e controle da Terra: uma guerra que coloca uns contra

os outros – para ser um pouco dramático –, Humanos que vivem no Holoceno e os Terranos que vivem no Antropoceno.” (2014, p. 23).

Exercito variações, camadas, desdobramentos, partições, colagens, derivações, sobreposições, delírios e devaneios. Crio a poesia do pensamento. A incidência poética no ato de reflexão. Trago à tona a violência que irrompe do ato de produzir pesquisa.

Escrevo daqui: de dentro do olho do furacão. No meio do caos. Diante da guerra. E não me refiro somente ao que pode vir a acontecer em um futuro muito próximo ou ao um mundo que ficará cada vez pior. **Escrevo sobre os acontecimentos do presente que materializam o atual corpo do Sistema Terra. Escrevo sobre uma possibilidade de futuro já localizada no presente. Escrevo daqui. Escrevo do agora. Do desde já.**

Escrever sobre a guerra planetária é também colocar no radar discussões como: os contextos políticos dos territórios planetários; o capitalismo; a fome; os países subdesenvolvidos; a resistência e a sobrevivência das minorias; os povos originários e seus costumes; os modos de resistência e modelos alternativos de modos de vida; construções de pensamento que se inventam como forma de oposição aos modelos eurocentrados; dentre muitos outros campos que surgem ao se deparar com esse contexto de guerra mundial não decretada.

Esses escritos tratam da construção de um texto-corpo-pensamento que se funda processualmente na lida com o contexto planetário. Esses textos surgem das sensações que perpassam o contato do meu corpo com o conhecimento dos assuntos em torno da catástrofe em curso. Uma espécie de texto-experiência. É sobre a construção do pensamento que se dá durante o processo de vivência corpórea da pesquisa, encarando de modo radical o não-distanciamento do meu corpo de pesquisadora. São escritos que performam o meu estado de pesquisadora em busca de um pensamento que caminha junto com o sensório.

Esse exercício de escrita investiga diversas textualidades que nascem na ameaça da finitude das condições de sobrevivência dos terráqueos em território terrestre. Parto das discussões em torno do Antropoceno para adentrar nas falhas que saltaram do porão desse processo fracassado de modernidade.

Eu sou a falha. Eu sou o que não deu certo. Eu sou filha desse fracasso. Eu sinto que dos meus dedos brotam garras. As minhas unhas pintadas de esmalte cintilante. As minhas garras estão brotando, eu sinto. Eu sinto que agora posso realizar ações que antes não me apareciam como possibilidade. Meu corpo. Movimento os meus dedos. Passo a mão no rosto e sinto que minhas mãos podem sentir melhor as minhas células, pois agora me reconheço. Sinto que nunca vivi tão fortemente a pulsão de vida que sempre estive ao meu dispor. Existiam bloqueadores de vida. Eles me impediam de corporificar as minhas potencialidades. Encontro força nas que vieram antes de mim. Nas minhas contemporâneas. Tento garantir o espaço das que virão depois de mim. Esse processo de escrita está contaminado por esse contexto temporal. Não há como olhar para esse material da mesma maneira de antes. É preciso conter nele esse novo olhar. Eu estou contaminada por Paul B. Preciado e seu texto Junkie. Estou contaminada porque ele me tornou possível. Seu texto me tornou possível. Suas experiências me tornaram possível hoje.

Interessa a esse texto o levante de teorias ecopolíticas e os conceitos que se desdobram a partir delas:

- ecogovernamentalidade ao invés de governamentalidade (práticas de governo conectadas pela ecologia) de Mallete e Ulloa
- o pensamento em torno da segurança planetária de Thiago Rodrigues
- as procedências espaço-siderais das sociedades de controle e as derivas espaciais do Leandro Siqueira
- a construção do dispositivo meio-ambiente da Beatriz Carneiro
- as penalizações a céu aberto das políticas planetárias do Acácio Augusto
- a nova terra de Laymert Garcia
- a desfronteirização do humano de Alfredo Veiga-Neto
- a conversão ecológica da Beatriz Scigliano

Essas teorias sustentam a insurgência de seres inimagináveis por vir que estão dispostos em um mundo de ficção científica, tendo em visto que a

realidade que vivemos hoje em nada deve aos cenários dos filmes de ficção científica.

Esses escritos são experimentações textuais para dar conta de um trabalho de imaginação política em torno do debate sobre o fim do mundo decretado desde a colonização. Interessa a esses textos a reflexão em torno de como a arte pode vir a ser realizada em contexto de guerra e de ameaça. Como ela pode agir e reagir?

Refletir sobre os procedimentos artísticos-terráqueos, sobre as maneiras de fazer dos terráqueos e entendendo como seria possível inventar modos de fazer uma arte terrana. Uma arte de oposição aos terráqueos, questionando os modos terráqueos de composição artística, utilizando a ficção científica como um caminho de invenção dos possíveis terranos, do que seria possível ficcionalizar em torno dos terranos. Especulações terranas. Abordagens terranas. Invenções terranas. Ficções terranas. Ficções de uma ciência terrana. Ficções de uma política terrana. Esses textos fazem parte de um projeto de vida. Uma imersão no abismo.

Interessa aqui a performatividade do tempo futuro, com os pés fincados no tempo presente e com uma consciência clara do tempo passado. Interessa aqui o combate e a resiliência. Interessa aqui o deslocamento da matriz antropocêntrica do pensamento da produção em arte.

Não escrever apenas sobre o anúncio do fim, mas principalmente sobre o que surge no contato com essa possibilidade. É o que é gerado do anúncio e da tomada de consciência. Não apenas a catástrofe, mas o que a possível catástrofe pode fazer surgir e que processos de apagamento podemos desvelar na lida com a catástrofe. É nesse ponto que aqui nos encontramos.

Escrever sobre esse assunto também move o pensamento em torno de um modelo de escrita acadêmica que force os limites do pensamento, experimentando-o no sentido de uma formulação teórica que encare a atividade de pensar e a atividade de escrever como performance. Uma obra de arte que

teorize e que performe a finitude, a guerra planetária e a urgência solicitada ao corpo que se vê inserido em uma nova época geológica: o Antropoceno. Uma atividade de escrita que age a partir da consciência do genocídio dos povos considerados pelos terráqueos como inumanos e sobre a colonização dos nossos corpos. Uma atividade de pensamento que busca a provocação para a criação de obras de arte que se façam necessárias na urgência de expressão de uma época geológica denominada como Antropoceno, pois “o destino futuro da humanidade nos transporta para sua emergência” (VIVEIROS DE CASTRO e DANOWSKI, 2014, p.34).

Acredito em uma política cognitiva na qual o pensamento em Artes deveria ousar ir além quando se pensa em invenção e experimentação. É necessário provocar fendas e desvios para experimentar uma performance em formato de escrita que dribla a rigidez das normas acadêmicas. Esses escritos querem afirmar uma outra forma de pesquisa contaminada e atingida pela criação. Pelos seus motores. Pelo seu suor.

Interessa a esses escritos fazer da escrita acadêmica uma atividade de experimentação performativa, pois a academia pode também ser um espaço de experimentações de liberdade e não apenas um lugar de reproduções de normas disciplinares. Os cursos de Artes não devem trabalhar apenas com números e quantidades, cobrando de seus docentes e discentes uma produtividade exacerbada em larga escala que é o reflexo dos modos capitalistas de perpetuação da vida em estado acelerado. Devemos produzir diferença com nossas produções, oferecendo respiro e mostrando ser possível o cruzamento entre ciência e invenção.

Com tantos cortes orçamentários nas verbas destinadas à educação do nosso país, fica nítido o lugar que as universidades ocupam no Brasil pós-golpe. O descaso representado pela falta de interesse do poder público pelo investimento na pesquisa através do sucateamento das estruturas das universidades públicas e dos cortes orçamentários das verbas destinadas à educação e às bolsas de pesquisa revelam o quanto que a produção de pensamento é uma ameaça ao projeto encampado pelos que defendem o avanço do conservadorismo. Aqui no Brasil, a política de cotas implantada durante a gestão do Partido dos Trabalhadores na presidência, fez com que

diversos corpos que fazem parte de um tecido social silenciado historicamente conseguissem acessar espaços que antes eram ocupados apenas pelos segmentos privilegiados da sociedade. Esse acesso está o tempo inteiro sendo ameaçado. Os avanços conquistados, de maneira brusca e brutal, transformam-se em retrocesso. Ao mesmo tempo em que estamos lutando para ocupar os espaços. Para ocupar os cargos de poder. Consideramos importante que corpos historicamente marginalizados ocupem os cargos de poder e há um movimento atual que visa isso. Enquanto houver as estruturas que nos aniquilam, lutaremos para estar no topo delas, agindo contra elas, modificando-as em seu interior, implodindo-as. É por isso que o interior da universidade também é um lugar de narrativas em disputa, pois dentro das instituições precisamos continuamente lutar para que corpos historicamente apagados tenham a possibilidade de acessar e produzir conhecimento. Lugares como a universidade não deveriam reproduzir os modos de pensamento que colocam nosso mundo a perder. A criação do projeto moderno de colonização do mundo e os desdobramentos causados por esse projeto de dominação também falam sobre o golpe que o nosso país sofreu em 2016 quando Michel Temer tomou a presidência do Brasil. Falam sobre a eleição de Jair Bolsonaro com seus ideais extremamente conservadores. As universidades precisam tornar-se então um campo de acolhimento desses corpos e, conseqüentemente, de formulação de estratégias de combate ao retrocesso. O retrocesso é o sintoma de uma construção histórica racista, transfóbica, classicista e machista. A grande maioria das universidades públicas da nação brasileira são espaços marginais e sucateados que não interessam em nada ao projeto colonial. Os cursos de Artes poderiam ser um dos espaços que se afirmam contra a normatização do pensamento. A academia precisa vir a ser urgentemente um espaço de produção de diferença que encampe outros interesses de escrita e elaboração de pesquisas outras, que forcem radicalmente as fronteiras das nossas formas de pensar o mundo. Por isso é interesse desses escritos investigar a fundação de uma atividade de escrita em guerra planetária.

Como base para a produção desses escritos utilizo os pensamentos sobre cartografia (Deleuze/Guattari e Kastrup), sobre pensamento como experiência (Viveiros de Castro), sobre a arqueologia do saber (Foucault) e escritos sobre

texto performativo (Delfim Paulo Ribeiro, Ciane Fernandes, Cristiane Nunes Borges). Interessa a esses escritos as metodologias em que as especificidades do trabalho inventam. Interessa a esses escritos a fundação de metodologias específicas para cada fragmento, pois assim como nas Artes, as metodologias já inventadas nos servem como referências e ponto de apoio, mas nunca como fórmulas matemáticas a serem reproduzidas. Nunca como receitas. A escrita também pode vir a apontar metodologias, apontamentos esses que se abrem para desdobramentos e continuidades de desenvolvimentos futuros, que nascem do contato com a leitura ou até mesmo na própria produção de pensamento. Não interessa a esses escritos a conclusão ou a finalização do processo de pesquisa. Interessa a esses escritos construir-se, definir-se, estruturar-se, propor a si mesmo como processo aberto que será disposto em uma montagem, uma possível montagem final como se procede nos filmes. Buscar as respostas precisas para as questões levantadas não se fundamenta como objetivo desses escritos. O movimento desses escritos almeja o desmoronamento das certezas. Devemos lutar contra as certezas. As certezas contêm o genoma do civilizador.

Esses escritos de uma guerra planetária materializam a busca por formas de escrita que se deixem afetar pela pesquisa e que concedam permissão para a abertura dos fluxos, dos jorros, das multiplicidades, dos devaneios, dos delírios. Texto-experiência: escritos que não se findam neles mesmos, mas que produzem ramificações. Escritos abertos contra o pensamento dicotômico. Contra a linearidade do pensamento. Escritos que expressam a iminência do fim das condições de vida do nosso planeta, da nossa espécie e, conseqüentemente, do próprio pensamento. Este mesmo também se encontra ameaçado. De que servirão o conhecimento, os livros, os aprendizados e as bibliotecas quando esse mundo tal como conhecemos não mais for possível? De que adiantarão os discursos, os teóricos, as palestras, o tempo cronometrado das falas, a política suja da convivência dos que almejam cargos de poder? De nada adiantarão todos esses esforços se as condições de vida dos territórios deixarem de existir. Precisamos repensar a maneira como produzimos o pensamento científico.

Um texto para carregar:

[...] os traços de dilaceramento e angústia, estrias e nervuras, marcas de uma segunda, terceira, infinitas peles tatuadas tanto pela agulha que as penetra como pelo suor que escorre das vísceras e faz do líquido quente e salgado a tinta que incendeia o mundo dos mortos-vivos, acordando-os para a vida. (LINS, 1999, p.13)

Nossos mortos e fantasmas. Os que foram banidos em nome do progresso. As palavras devem conter suas vísceras, seus gritos abafados. As espécies extintas. Seus fósseis. Não permitir que a linguagem se torne uma peste nociva que impeça o estabelecimento de uma noção de pensamento como imanência e transcendência. Escrever em corpo morto, em estado de ausência. “(...) Uma escrita como o último grito de um homem que agoniza.” (idem, ibidem, p. 16).

Escrever em estado de emergência refletindo sobre a própria atividade de elaboração do pensamento. Em que momento o pensamento ganha forma? Que diferentes formas podem materializar o pensamento? Esses escritos são a tentativa de formular de diferentes maneiras as questões tratadas na pesquisa. Como escreve um sujeito em guerra planetária?

A escrita acadêmica transforma-se em obra de arte, para vivenciá-la o leitor precisa inventar suas próprias metodologias e caminhos. Esse tipo de escrita quer provocar estímulos sensoriais, perceptivos, intelectuais, racionais, conscientes e críticos. É confusa. Não obedece aos modelos consequentes de escrita, não segue estímulos lógicos de dedução. É uma escrita para dar vazão à entrada no desconhecido. Lança problemas a si mesma ao esburacar-se. Inventar sua própria forma de funcionamento. Realiza a defesa necessária de uma forma de pensamento em Artes que dialogue com sua época geológica. Uma escrita que não capture a si mesma. Que não faça de si mesma um território. Escrita em agenciamento. Em cadeia. Escrita descentralizada. Que não se fecha sobre si mesma. Uma escrita que permita a ruptura e o corte. Escrita-pretensão: que alcança a dimensão dos pontos de fuga. Dessas direções que se rompem e se esticam. Dimensões elásticas de compreensão em multiplicidade. Produz deslocamento através da escrita e do pensamento. Propõe, ao invés do dualismo, a multiplicidade. Dimensões. Texto-metamorfose.

Desmontável. Contra a escrita que objetiva a resolução e a conclusão. Uma escrita inconclusa. Uma escrita em séries que se comunicam entre si, que dialogam, se interpõem.

As referências bibliográficas caminham junto com o meu pensamento de autora. A autora pensa em composição com elas. Pensar com. Pensar em. Por vezes elas dizem sobre mim e por vezes me apoio nelas para expressar meu pensamento. Não permitir que a referência vire um dogma ou uma obrigação de articulação. Articular com as referências é tentar refazer o caminho. É considerar a atividade de escrita como processo. Olhar para além das linhas escritas pela autora.

Escrita-desejo. Liberta as frases de seus núcleos centrais. Deixa-se tomar pelo processo intuitivo de escrita. Quem escreve não é alguém. Não é só um. Não é pessoa. Escrever com a intenção de ser uma multidão. Uma legião. Carregar na atividade de escrita a história como descontinuidade, uma reserva de percurso, uma incompletude fabril. A possibilidade da imitação sincera, do roubo anunciado, do despudor com o alheio. Algo que se define por não querer ser concluído. Uma história esfacelada e perdida na ideia de tempo. Escrever evocando os fantasmas. Escrever em estado de transe ininterrupto. Dando vazão ao inconsciente. Manifestação dos sentidos inconscientes. Texto desmontável. Escrevo para não ter um rosto, mas me localizo. Hoje minha escrita é a escrita de um corpo trans. É preciso localizar esse demarcador. O meu olhar se modifica a partir do momento que me insiro em outro território, mesmo tendo indícios dessa convocação durante toda a minha vida. É preciso localizar minha escrita para que não pareça que nossas vivências não interferem no modo como pensamos o real. Minha vivência de corpo trans em transição de gênero interfere diretamente no modo como escrevo e no modo como olho repetidas vezes para esse material.

Meu texto é uma experiência de pensamento, “[...] a palavra experiência em seu duplo sentido, tanto no de ter uma experiência como no de fazer uma experiência. Sobretudo, no de fazer uma experiência com o pensamento alheio, e não no próprio pensamento” (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 251).

Meu texto não quer assumir um lugar de auto-organização: “nós não estamos aqui para fazer taxonomia, nem para organizar cognitivamente o mundo; nós estamos aqui para fazer uma revolução permanente” (idem, ibidem, p. 254). É essa atividade de revolução permanente que importa ao texto. Revolucionar permanentemente as próprias metodologias. Em estado constante de reinvenção. Uma descolonização permanente do pensamento.

A descolonização do pensamento antropológico significa uma dupla descolonização: assumir o estatuto integral do pensamento alheio enquanto pensamento e descolonizar o próprio pensamento. Deixar de ser o colonialista de si mesmo, subordinado às ideias mestras, às ideias-chave de sujeito, autoridade, origem, verdade. A descolonização envolve esse duplo movimento, o reconhecimento da descolonização histórica, sociopolítica do mundo, e os efeitos que isso tem sobre a descolonização do pensamento. (idem, ibidem, p. 255)

Uma escrita que evoque “uma arqueologia dos povoamentos anteriores ao seu nascimento” (LINS, 1999, p. 28). Linguagem outra. Desejos outros. Uma escrita múltipla. Multiplicadora. “Desfazer o rosto, para gerar o pensamento: um pensamento evasão, sem sair do lugar” (idem, ibidem, p. 37). Como os rostos pintados por Francis Bacon que não almejam uma formação. É o disforme que interessa. Aqueles rostos transfigurados sem identidade. Sem informação objetiva constroem outro tempo de entendimento. Alguns desenvolvem outras peles. Formações desconhecidas por cima do rosto. Outras camadas. Rostos incompletos. Ou que não chegaram a se formar. Segundas e terceiras peles. Peles sintéticas. Utilização de outros materiais para formar outros rostos. Assim também é esse texto. Para um leitor-inventor. Leitor-experimento. Texto-fluxo-experiência.

Essa dissertação é um trabalho de ficção científica.



ESCRITOS DE UMA GUERRA PLANETÁRIA

Movimento de parada: um tratado sobre a desaceleração e a vontade de permanência. Resgate da memória apagada. A busca por outros arquivos da história.

O acordo de Paris, pacto realizado entre diversos países no ano de 2015 é um atestado de óbito e uma comprovação de certa ideia de civilização que começa a ruir já faz algum tempo. Esse acordo nos leva a pensar nos ecossistemas terrestres, nas devastações provocadas pela humanidade e na ameaça à vida de tantas outras espécies que compõem conosco o Sistema Terra. Ou Gaia, como preferirmos.

Pensar o processo de transição para o terrano tem a ver com o movimento de parada. Olhar para as plantas que nos cercam e tentar imaginar o planeta antes da existência da nossa espécie. Pensar a história do apagamento de nós mesmos. Processos irreversíveis de destruição em larga escala. Processos irreversíveis. A extinção de determinadas espécies são processos irreversíveis. O massacre dos povos originários são processos irreversíveis. O genocídio do povo negro é um processo irreversível. Processos artísticos também são irreversíveis. Uma vez imerso no abismo do desconhecido, não há mais volta. É necessário pensar com os poros do corpo terrano.

O contexto do Antropoceno, traz para a esfera do pensamento terráqueo a preocupação urgente com o modo como aprendemos a experienciar a vida. No contexto em que vivemos atualmente, não é mais suficiente apenas diminuir a emissão de CO2 e abandonar a utilização dos combustíveis fósseis. Há a necessidade de realizar esforços e renúncias mais profundas que nos obrigam a “reimaginar nossa cultura inteira, nossa forma de viver: desde o desenho das cidades e dos lares, passando pela mobilidade e alimentação”¹.

O mundo que ameaça materializar-se no futuro é possível de ser imaginado em frequência maior pelo quadro que se apresenta e tende a piorar: superaquecimento do clima do planeta, incêndios florestais, seca, furacões,

¹ Texto do editorial da exposição “Después del fin del mundo”

desmatamento, desertização, derretimento das calotas polares, migração de refugiados climáticos, aumento do nível do mar e possível desaparecimento de ilhas e cidades costeiras, extinção de outras espécies, dentre outros muitos desdobramentos desastrosos que derivam de processos irreversíveis de destruição em larga escala. Esse trauma coletivo nos causa paralisia e temor, gerando um sentimento de insuficiência.

É preciso pensar a existência terráquea na tentativa de se desligar de uma vez por todas da matriz antropocêntrica de pensamento que rege nossos corpos. Descolonizar permanentemente nossos modos de vida. Abandonar a política do curto prazo e pensar no que podemos construir para o futuro da humanidade, pensando em uma convivência mútua entre humanos e não-humanos. Em seu livro *O fim das certezas*, Ilya Prigogine retoma uma pergunta lançada ainda pelos pré-socráticos: "(...) qual o papel do tempo?" (1996, p.17). A dualidade temporal entre futuro e passado, pensada como criação da espécie humana, pode nos servir como base para tecer, no fio da memória, um curso didático do entendimento de permanência. A permanência como um fator de resistência diante de um mundo em ruínas. Em um mundo devastado cada vez pior, a memória está ameaçada. O surgimento de um ser desmemoriado sem ligação com sua ancestralidade é um dado real.

Em um mundo em vias de desaparecimento, a fantasmagoria do passado inscrita no corpo do vivente funda o acontecimento em uma esfera de atualização do vivido. Qual o lugar da lembrança que ameaça desaparecer? O que implica na lembrança a ameaça do desaparecimento de seus dados cognitivos? Como pensar o ato de lembrar em um mundo onde este mesmo ato de lembrar ameaça desaparecer? Como pensar a história do ponto de vista da catástrofe?

Se o mundo ameaça sucumbir, é tarefa dos historiadores diversificarem o arquivo da história. É no trabalho de campo que é possível buscar uma tarefa de escavação da memória dos acontecimentos que não foram escritos por mãos humanas, mas que estão inscritos no solo terrestre, no ato de lembrar o que se perdeu e de ir em busca dos poucos narradores do mundo antigo. Esses que

ainda resistem como uma biblioteca de saberes ocultos e pouco disseminados.

Como será escrita a história do futuro? Que elementos da memória terráquea serão traduzidos e/ou atualizados em acontecimento presente para que no tempo do agora possamos continuar escrevendo nossa história? Que tipo de escrita decidiremos marcar no corpo do futuro? Pensar o solo comum do monstro que se formou na nossa cultura disforme: uma ideia de cultura separada da natureza. Pensar o comum é aprender a recuperar certas narrativas e a reaprender a arte de ter cuidado, como escreve Isabelle Stengers, propondo uma revisita aos modos tradicionais de contato com a terra. Dentro de uma relação revisada do que é estrutura, a atividade de deslocar-se do centro da estrutura moderna também passa pela revisita às narrativas míticas. É recuperar, de certo modo, uma lembrança ancestral perdida. A forma de contar dos nossos antepassados. Ainda perseguindo uma poética terrana de existência, Latour nos lança um questionamento: “O que é um território senão isso sem o qual não poderíamos viver?” (Latour, 2014, p. 24). A partir desse questionamento me pergunto quais são os reservatórios de memória que estão sendo ameaçados com o avanço do progresso? Os terranos, esses que se voltaram para a Terra, em sua defesa, são os mesmos que lutam por uma preservação geofísica da memória.

O que aconteceria se as cidades nos fossem apresentadas através de olhares deslocados do que se entende nos roteiros turísticos? Qual a cidade que escolhemos conhecer? Que histórias sobre as cidades contavam os nossos antepassados? Quais dessas histórias permanecem?

As construções das megaestruturas que barram os ventos da cidade de Fortaleza nos deixaram como legado uma cidade sem memória. Somos hoje as habitantes desmemoriadas de uma cidade que desapropria moradores que atrapalham o desenvolvimento dos roteiros turísticos das grandes empresas e dos grandes empresários. Somos oriundas de um processo de colonização que devastou

parcelas da população indígena, que escravizou o povo negro e que se desdobrou em um desligamento irreversível com os hábitos tradicionais de contato com o solo terrestre. O apagamento da memória nos deixou de herança plataformas flutuantes que evitam o contato com a terra. Nos dispersam de uma ligação maior com as comunidades originárias.

A ideia de uma cultura distanciada da natureza se desdobra em matérias do esquecimento. Vestimos nossas roupas para esquecer melhor. Comemos para esquecer melhor. Praticamos a higiene para esquecer melhor. Somos bem treinadas na arte de esquecer e inseridas em ontologias que proliferam corpos em estado de amnésia coletiva.

O ato de descentralizar as vivências dos que jamais foram modernos e, de certa maneira, praticar os espaços com um deslocamento na operação de vélos e pensa-los nos proporciona uma reconexão com elementos que estão anestesiados no corpo terráqueo. Se o terrano, para Latour, passa por uma espécie de transformação e oposição ao pensamento do terráqueo, realizar vivências nas quais operam pensamentos de reconexão com princípios de preservação da memória de uma terra devastada, também acaba por fundar modos de resistência e vivência que não buscam assimilação com a vertente terráquea que tentou modernizar o mundo a todo custo.

Perdemos a capacidade de enxergar os nossos fósseis, a nossa ancestralidade e o que nos compõe como força geológica. Na medida que avançam e se proliferam as grandes construções arquitetônicas e os modelos de assimilação com ideais europeus de colonização do mundo, estamos também colonizando permanentemente o mundo e a nossa espécie. Então parafraseando o que diz Viveiros de Castro em uma de suas entrevistas: é necessário e urgente “uma descolonização permanente do pensamento” (VIVEIROS DE CASTRO, 2012, p. 254) e da cultura também. Uma descolonização permanente das nossas arquiteturas, dos nossos hábitos, dos nossos modos de vida e do nosso olhar.

Processo de fabricação de um corpo terrano

Fabricação de um corpo para resistir ao Antropoceno. Descolonização permanente do corpo. TRANSIÇÃO DE TERRÁQUEO PARA TERRANO. A FABRICAÇÃO DO CORPO TERRANO.

Pensar com o corpo e através da construção milimétrica do movimento. Há vida em cada mínima fração de tempo e fabricar um corpo que não se dissocia da atividade mental diária é também refletir sobre a importância de se colocar inteiramente no presente. Cada momento vivido é um momento único e para a realização dessa construção corpórea é necessária a extrema responsabilidade com o tempo presente. Pensar a permanência como uma chave de operação de resistência no Antropoceno.

Refletir sobre a forma como o corpo vem sendo utilizado nos nossos tempos: o tempo extremamente acelerado que domina nossos fazeres nos impede de vivenciar de fato a nossa existência corporal. Fomos segmentados de maneira forçosa. É notório o adoecimento do terráqueo em nossa terra contemporânea. Uma falta de ar generalizada e um sentimento de incapacidade vêm reinando nas gerações mais atuais e vêm sendo disseminadas uma série de patologias que já fazem parte do cotidiano do nosso povo.

É preciso organização no caos. Novos formatos organizacionais. Uma espécie de estruturação outra precisa se fazer presente para que haja funcionamento do corpo em sua atividade de existir. A imersão no caos e no abismo pode ser feita de uma maneira que não danifique um posterior rearranjo do organismo.

A respiração deve ser lembrada, restaurada, revivida. O corpo terráqueo naturalizou a respiração descuidada, acelerada, frenética e desesperada. O terráqueo parece não querer respirar. Parece não querer mais precisar da respiração para realizar suas atividades.

Antonin Artaud perseguiu a ideia de um corpo que não aguenta mais os limites da pele e a necessidade de explodir qualquer tipo de organização que o fizesse ser alguém. Sentia o corpo como aprisionamento de seus sentidos. Sentia a necessidade de repensar as estruturas do corpo para a organização de

um novo corpo. Com Artaud propomos aqui então a transição do corpo terráqueo para o corpo do terrano.

Por que querer desorganizar e desestruturar uma ideia de corpo terráqueo? Que corpo é esse que não consegue mais se sustentar nas repetições formatadas e normatizadas. Artaud escreve que basta que pronunciem o seu nome para que seu corpo atual voe em vários aspectos. De onde nasce essa movimentação que visa despedaçar a ordem do corpo tal qual foi sendo repassada ao longo da história do terráqueo?

Viveiros de Castro escreve em seu artigo *A fabricação do corpo na sociedade xinguana* ao observar os Yawalapiti: “Uma das mencionadas ideias gerais, e centrais, no pensamento Yawalapiti, é a de que o corpo humano necessita ser submetido a processos intencionais, periódicos, de fabricação”. A identidade não se constitui no nascimento para os Yawalapiti, mas está sempre passível de mudança e alteração de rota. O corpo, nessa sociedade, é algo a ser constantemente fabricado, modificado e construído. É um corpo imaginado. É criação de corpos políticos. Imaginar esse possível é pensar que o corpo em nossa sociedade nos define e nos aprisiona. Somos reféns do nosso vivido e estamos sempre respondendo diretamente a um modelo identitário uno que nos impede de fabricar nosso corpo ou criar um novo corpo para ter experiências outras acerca do mundo que habitamos. Estamos presas ao mesmo olhar.

A mudança de rota que somos capazes de alcançar vem carregada de amarras e bloqueios sinápticos presos a narrativas construídas posteriormente e que fazem com que devamos ser sempre fiéis às narrativas pessoais já construídas. Não se pode romper com a narrativa terráquea de corpo sem que isso traga prejuízos sociais como a exclusão, o isolamento, condições precárias de vida, dentro outros fatores importantes que se dão nos desdobramentos de escolhas desviantes.

Inventar um corpo para si. Um nome para si. Alterar os rumos da história. Reposicionar. Deslocar o que antes era fixo. Desviar dos dispositivos de captura, minuto a minuto. Criar espaços para execução de liberdade. Buscar outras maneiras de comunicação corpórea. Outras maneiras de acessar o mundo dos outros. Os canais sinápticos do outro. **FABRICAR UM CORPO TERRANO!**

O processo da transição terrana não visa linearidade, portanto não se trabalha em busca de pistas tendo um ponto de partida claro e um ponto de chegada objetivo. O corpo terrano entende a vida como processo, entende que é necessária uma mudança no posicionamento existencial. O corpo terrano é um corpo em processo de experimentação constante em novas posturas organizacionais. Uma experimentação que se dá de maneira processual e que entende o corpo como uma totalidade que está sendo atravessado o tempo inteiro por diversos campos de força que o afetam e o modificam. Ter consciência do presente terrano é ter a percepção ampliada com o objetivo de bloquear determinadas intervenções energéticas externas que nos impedem de acessar construções corpóreas outras, na busca de novas lógicas de construção de sentido. É preciso entender que o corpo terrano pode muito e que nele estão contidas inúmeras possibilidades. Capacidades desconhecidas. Um processo que se entende como terrano sabe que o corpo do sujeito não se inicia em seu nascimento, mas que nele faz uma morada, uma linha de transmissões genéticas e cósmicas que lhe foram repassadas.

A minha pele transgênera é arma terrana. Precisamos entender e nos esforçar para criar uma rede de coletividade transgênera. Para fortalecer as que virão antes de nós. A união transgênera para a instauração da ajuda mútua. O sistema e os espaços tem criado procedimento de cotas para as travestis. E isso é importante para que possamos finalmente adentrar os espaços, mas precisamos não cair no risco de competir entre nós. Temos que lutar, ao estar lá dentro, pelo alargamento dos espaços para que outras possam também estar dentro conosco, lado a lado. Precisamos estar dentro, pois historicamente estivemos fora dos espaços. Sempre nos foi negada a luz do dia, pois nossas corpos historicamente foram empurradas para a noite, para a rua, para a prostituição, o sexo, a fetichização das nossas corpos. Hoje estamos injetadas na veia do sistema.

Entender o corpo terrano como repasse nos desloca de uma matriz antropocêntrica de pensamento que pôs o nosso mundo a perder. O corpo do repasse terrano é o corpo com compõe com o meio, que pensa a si como um elemento em confluência com diversos outros elementos que o cercam.

O terráqueo colonizou primeiramente o mundo através da construção dos territórios, onde fundou a ideia de uma cultura dissociada da natureza. Em segundo lugar, o terráqueo colonizou as outras espécies e, por último, a sua própria espécie, fundando as raças e as separações raciais. Essa lógica colonial de dominação está presente na construção corporal do povo terráqueo através de padrões de repetição. O corpo do terráqueo também insere no espaço determinado tipo de presença fincada em uma matriz antropocêntrica de pensamento. Pensar o processo de transição para o terrano tem a ver com o movimento de parada. Olhar para as plantas que nos cercam e tentar imaginar o planeta antes da existência da nossa espécie. Pensar a história do apagamento de nós mesmas. Processos irreversíveis de destruição em larga escala. Processos irreversíveis. A extinção de determinadas espécies são processos irreversíveis. O assassinato de corpos transgêneras é um processo irreversível. O massacre dos povos originários são processos irreversíveis. O genocídio do povo negro é um processo irreversível. Processos artísticos também são irreversíveis. Uma vez imerso no abismo do desconhecido, não há mais volta. É necessário pensar com os poros do corpo terrano.

O BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA AMBIENTALISTAS E TRANSEXUAIS NO MUNDO.

Há pouquíssimas áreas verdes e só nos resta lutar pela preservação dos restos que sobraram. Do que os terráqueos permitiram ainda ficar. Pelos animais em extinção. Parar. Tudo tão rápido. O ritmo acelerado dos terráqueos violenta nosso corpo, nossa respiração, nossa gestualidade, nossa fala, nosso modo de vida.

A transição terrana invoca uma reconexão com o planeta, com nossa ancestralidade, com a Deusa, com os Xapiris, com os espíritos da floresta, com a bruxaria xamânica, com a magia, com a feitiçaria. A transição terrana pede o fim dos assassinatos dos indígenas. Pede o fim do assassinato das transexuais

Pede o fim do assassinato dos ambientalistas. Pede o fim do assassinato dos negros. Pede o fim do assassinato dos gays. Pede o fim do assassinato das lésbicas.. Pede o fim do assassinato dos não-binários. Pede o fim do assassinato dos intersexuais. Pede o fim do assassinato dos moradores de rua. Pede o fim do assassinato dos moradores da periferia. Pede o fim do assassinato das crianças dos países subdesenvolvidos.

Protocolos sobre o fim

REDE - CONTÁGIO - VÍRUS

A crise climática está em lugares imperceptíveis. Não é apenas o mundo que ameaça ruir em uma somação final ou um marco conclusivo, mas o mapeamento dos traços desse fim que por vezes passam de maneira camuflada pelos dispositivos de captura. Ou até mesmo em nossa formação de pensamento. Entender isso, entender que isso existe e que isso é real faz com que o olhar sobre o mundo se modifique. A materialização desse entendimento ou dessa tomada de consciência faz com aconteça um reposicionamento existencial. Após a tomada de consciência, é impossível voltar a olhar para o mundo com os olhos do antes, pois algo nos é revelado. A película do anestesiamento é retirada e um novo olhar surge. É impossível olhar para o mundo da mesma maneira. Com esse novo olhar é possível ver a crise climática em lugares onde antes não era possível visualizá-la. É possível ver a crise climática em tudo, como um vírus. Como um contágio. A crise climática das coisas. A crise climática das ações. A crise climática das posturas de vida. A crise climática dos discursos. A crise climática é o problema do homem. Pensar na crise climática é pensar em toda uma estrutura de construção do que se entende por humano. É pensar também em toda uma estrutura que está por trás da construção do humano. É pensar sobre a própria espécie. É pensar sobre si. Pensar sobre outros. Sobre a necessidade da criação de outros. Sobre a necessidade da distinção das raças e de que raças seriam mais humanas que outras. Que raças seriam consideradas inumanas e não-humanas. Que raças foram consideradas bárbaras. Que raças foram consideradas selvagens. Não há como pensar sobre o humano de maneira distanciada, pois fazemos parte desse arcabouço chamado humanidade, mesmo não nos sentindo pertencidos a ela por ocuparmos posicionamentos que diferem de certa lógica normativa que tratou e continua tratando de assassinar o que não se encaixou na lógica do dentro e do fora. A coleta de dados não funciona nesse protocolo. O lugar do cientista distanciada para produzir pensamento não funciona nessa pesquisa. O meu corpo está inteiramente implicado nesse processo. Sou invadida de tempos em tempos por um pessimismo causado pelo abafamento dos núcleos de

resistência. Às vezes a resistência parece ser pequena e muito pouca. Tudo parece ser muito pouco diante da grandiosidade e da vasta extensão do planeta. E diante do poder central. O desânimo frequente faz parte dessa pesquisa, mas sempre na tentativa de revertê-lo, criando estratégias de resiliência e esburacamento dos muros cinzentos que o pessimismo constrói em torno de nós. É preciso criar essas fendas a partir de movimentos que pareçam minúsculos, mas que possuem a força de um alastramento em grande escala. Uma dessas tentativas é a construção de uma rede. Uma rede que se espalhe, que faça veicular o deslocamento dos discursos únicos, da história única, dos arquivos únicos, da norma, das padronizações, das docilizações dos corpos, das capturas infinitas. Uma rede que se alastre como um vírus. Criar essa rede é uma das maneiras, um dos possíveis, uma das formas. Como quando moradores se juntam para impedir que um restaurante antigo da Barra do Ceará deixe de existir em prol de um novo empreendimento modernizante. Precisamos lançar luz para esse tipo de acontecimento, pois nele se materializa a discussão em torno do progresso, em torno da modernização dos espaços, da gentrificação, da gourmetização. Da higienização dos espaços, da higienização dos nossos corpos: em prol de um projeto de cidade, em prol de um projeto de nação, em prol de um projeto de planeta. Precisamos buscar o ânimo através do movimento dos ativismos. Através de uma genealogia dos ativismos. Através de uma investigação dos ativismos. Precisamos conhecer e entender as pautas e aprender com os corpos que lutam. O ativismo talvez seja uma maneira de conseguir continuar sobrevivendo e existindo. Buscar força na ação coletiva, nos agrupamentos, nos ajuntamentos. Sair do cansaço. Buscar sair do cansaço. Dividir o peso. Dividir o peso com outros corpos que também carregam o mesmo peso ou pesos que também são difíceis de carregar. Carregar pesos que não são seus. Deixar que outras pessoas carreguem o seu peso de forma voluntária. Realizar uma troca do carregamento de pesos. Redes de compartilhamento para fazer ventilar as ideias. Para realizar a tomada de consciência também em outras pessoas, para que elas consigam ver importância, para que elas possam dar ouvidos, para que elas possam entender o que ainda não entendem ou o que não deixa fazer com que elas entendam. Os ruídos não deixam fazer com que elas entendam. As múltiplas interferências não deixam fazer com que elas entendam. Com o que elas sintam. Com o que elas podem fazer diante da

sensação de desmoronamento do mundo. Ou fazer com que elas permitam que o mundo com o qual elas se acostumaram durante o tempo de suas vidas possa enfim desmoronar para que outro mundo seja possível. Tentar produzir encontros, trocar, debater, construir diálogos. Encontrar os pares. Encontrar loucura em outros corpos. Entender a dimensão de caos do outro.



GUERRA PLANETÁRIA E NEGACIONISMO CLIMÁTICO

A crise climática é uma consequência direta do *modus operandi* da sociedade. Impossível falar de crise climática sem falar da sociedade, sem falar do homem, sem falar da história, sem falar das histórias que foram silenciadas, sem falar das histórias que foram ocultadas, sem falar da fundação do homem moderno. A consequência da crise climática está em tudo: o atrelamento dos inimagináveis territórios que a crise climática ocupa. A manutenção dos lugares de poder possibilita que essa crise tenha se transformado em uma forma de governo. Não queremos questionar essa manutenção, pois não desejamos colocar em risco a

nossa comodidade, os nossos privilégios oferecidos pela pretensa ideia de um *life style* e apoiar uma revolução ecológica colocaria a nossa comodidade em risco. Dessa recusa nasce o negacionismo: pessoas que não querem acreditar que o uso de agrotóxicos causa danos ao corpo, pessoas que acreditam que os agrotóxicos estão resolvendo o problema da fome em diversos lugares do mundo e por isso é justificável os danos que eles causam, pessoas que não acreditam no derretimento das calotas polares, pessoas que acreditam que o aquecimento global é uma invenção da esquerda, dentre outras várias crenças e crenças que se sobrepõem e se contrapõem. Existem artigos científicos que oferecem suporte ao negacionismo, assim como existem artigos científicos que comprovam a catástrofe em curso, o que põe em cheque a própria legitimidade de uma ciência que resolve se isentar das discussões políticas. A verdade é uma escolha. É um posicionamento. Acreditar no que não coloca sua construção existencial em risco ou acreditar em algo que não ponha a sua comodidade em risco, os seus privilégios em risco é a postura que os negacionistas buscam adotar sempre que um debate sobre a crise climática surge. A mudança de rota não aparece como possibilidade. A desconstrução dos modos de vida não aparece como possibilidade. Apenas a rejeição aparece como possibilidade. Os negacionistas transformam as reivindicações ecológicas em teorias conspiracionistas para deslegitimarem os nossos posicionamentos. Tudo se resume ao que nós estamos dispostos a colocar em risco. Falar sobre a indústria da carne, sobre a especulação imobiliária, sobre a indústria da moda, sobre a agropecuária, sobre o consumo desenfreado, sobre a dependência às tecnologias, sobre a extinção dos peixes causadas pela pesca, sobre o aumento do nível do mar, sobre o assassinato de ambientalistas, sobre a indústria automobilística, sobre a extração de combustíveis fósseis, sobre o vazamentos de óleo no mar e sobre inúmeras outras questões ecológicas é pôr em cheque existências que seriam forçadas a uma reformulação e uma adaptação a um outro modo de vida que não interessa nem ao capitalismo e nem ao negacionistas (esses que preferem tudo do jeito que está). Os negacionistas preferem não saber. Preferem não saber e preferem que ninguém saiba. Silenciam os debates. E continuam alimentando esse sistema super perverso. O que estamos dispostos a perder? Somos capazes de entender Mariana, somos capazes de entender o desmatamento da Amazônia, somos capazes de

entender Hiroshima e Nagasaki, somos capazes de entender o que aconteceu em Belo Monte, sentimos a dor da extinção de inúmeras espécies, desde que isso não toque a nossa comodidade. Não somos capazes de entender que fazemos parte da retroalimentação desse sistema porque não estamos dispostos a perder a nossa comodidade, os nossos privilégios. Não estamos dispostos a reaprender outras maneiras de habitação do mundo. Nos resta então continuar, com o intuito de criar obstáculos que impossibilitem o curso dos acontecimentos, criarmos barricadas que impossibilitem o que seria tido como o curso normal dessa história perversa. Precisamos não nos trair. Precisamos seguir no que acreditamos mesmo que seja impossível mudar o curso natural das coisas. Mesmo que não tenhamos tempo hábil de vida para realizar algum tipo de modificação global. Precisamos fazer sentido para nós mesmos. É preciso não se trair. Criar uma rede de apoio que nos impeçam de abrir concessões. Pensar em ações. Ações performativas. Ações artísticas. Ações ativistas. Ações cotidianas. O que podemos fazer como indivíduos no mundo, no aqui e agora, no nosso cotidiano para impedir a continuidade do desastre e reverter o pessimismo?



REINVENÇÃO DE SI, RESILIÊNCIA, METANO NO ÁRTICO E DATA LIMITE DO PLANETA

O pessimismo está presente, mas precisamos encontrar formas de revertê-lo. Falar sobre o fim do mundo e encará-lo de maneira paralisante não produz nenhum tipo de reatividade política de resistência. Especulações sobre a data limite do planeta devem ser consideradas como um aviso de urgência, mas não como um desestímulo ou uma imersão em um beco sem saídas que mina os possíveis. A aceitação dos processos reversíveis que foram disparados pelo humano deve ser performada para uma investigação urgente de como podemos viver em um mundo cada vez pior. Aceitar o fim. Aceitar o fim do mundo tal como conhecemos para que outro mundo surja. Como que vamos viver a partir de agora? Que modos de vida podem ser inventados a partir da iminência do fim? O que ainda pode ser feito? O que podemos fazer baseado nos objetivos de busca por uma outra convivência e pela sobrevivência? Somos capazes de viver de uma maneira diferente? De uma maneira menos nociva. De uma maneira

menos destruidora, menos devastadora. Menos catastrófica. Menos antropocêntrica. Como ressignificar a passagem do humano pelo planeta Terra? Investigação de outras experiências. Outros tipos de relação. Como podemos reinventar o nosso modo de vida em um mundo cada vez pior? Como performar o pessimismo? Esse modo de vida que a gente ainda sustenta já ameaça desmoronar. As nossas estruturas pessoais começarão a ruir. E vamos ser forçados a parar nossas atividades. Isso já está acontecendo de formas menores, mas irá ganhar grandes proporções. Em escala global, em escala nacional, em escala local. Acontecerá de modo concatenado. Em cadeia. Escalas de destruição. Camadas de destruição. Degradação. O metano do Ártico. O vazamento lento do metano no Ártico, como um conta-gotas. Desdobramentos. Consequências. Foi um erro pensar que as ações existiriam isoladas, sem gerar efeitos de grande escala. Foi um erro pensar as escalas em nível apenas local, sem considerar os efeitos globais das nossas micro-ações. Pode ser a qualquer momento. Encontrar sentido. Encontrar potência de vida. Onde? Resiliência. Tornar-se resiliente. Redes de fortalecimento. Inventar zonas de diálogo. Conseguir acordar. Conseguir reagir. Encontrar nos processos de criação em Artes a medida das zonas de resiliência. Fortalecer. Proteger. O mínimo e o resto como potência. Encontrar potência no fracasso.



Das capacidade que tiraram de nós: magia e feitiçaria

. Exterminaram os saberes populares quando caçaram as bruxas. Mulheres sábias que continham conhecimento farmacológico e que foram perseguidas e assassinadas pela inquisição. Perdemos capacidades quando nos distanciamos das origens. Por uma permanência do velho. Por uma aceitação da morte. Saber que vai chover antes de o céu nublar. Antes de qualquer indício. Por uma permanência do mundo que está localizado antes de uma tela e depois do nosso umbigo. Nos foram retiradas nossas capacidades mágicas. Rompemos com a magia. Rompemos com a feitiçaria. Como realizar obras de arte que busquem resgatar a magia e a feitiçaria em suas composições. Para além do representável. Como suscitar a magia? Lidar com a morte. Viver a morte. Para não sucumbir ao terror paralisante das narrativas do Apocalipse: trabalhar com a ideia de permanência da terra. E da convocação dos nossos poderes mágicos. Somos tão pequenos diante da imensidão do universo, por que então o humano acredita que o humano está no centro do universo? Apenas sucumbir ao

pensamento do fim do mundo pode cair num tom paralisante, melhor não ir por esse caminho. Aprender quando vai chover antes dos indícios. Investir em uma vida onde o humano planta o próprio alimento. Amparar nossa água. Beber nosso remédio. Cultuar a terra. Respeitar os nossos animais. Entender que fazemos parte da composição terrestre.



VIRADAS

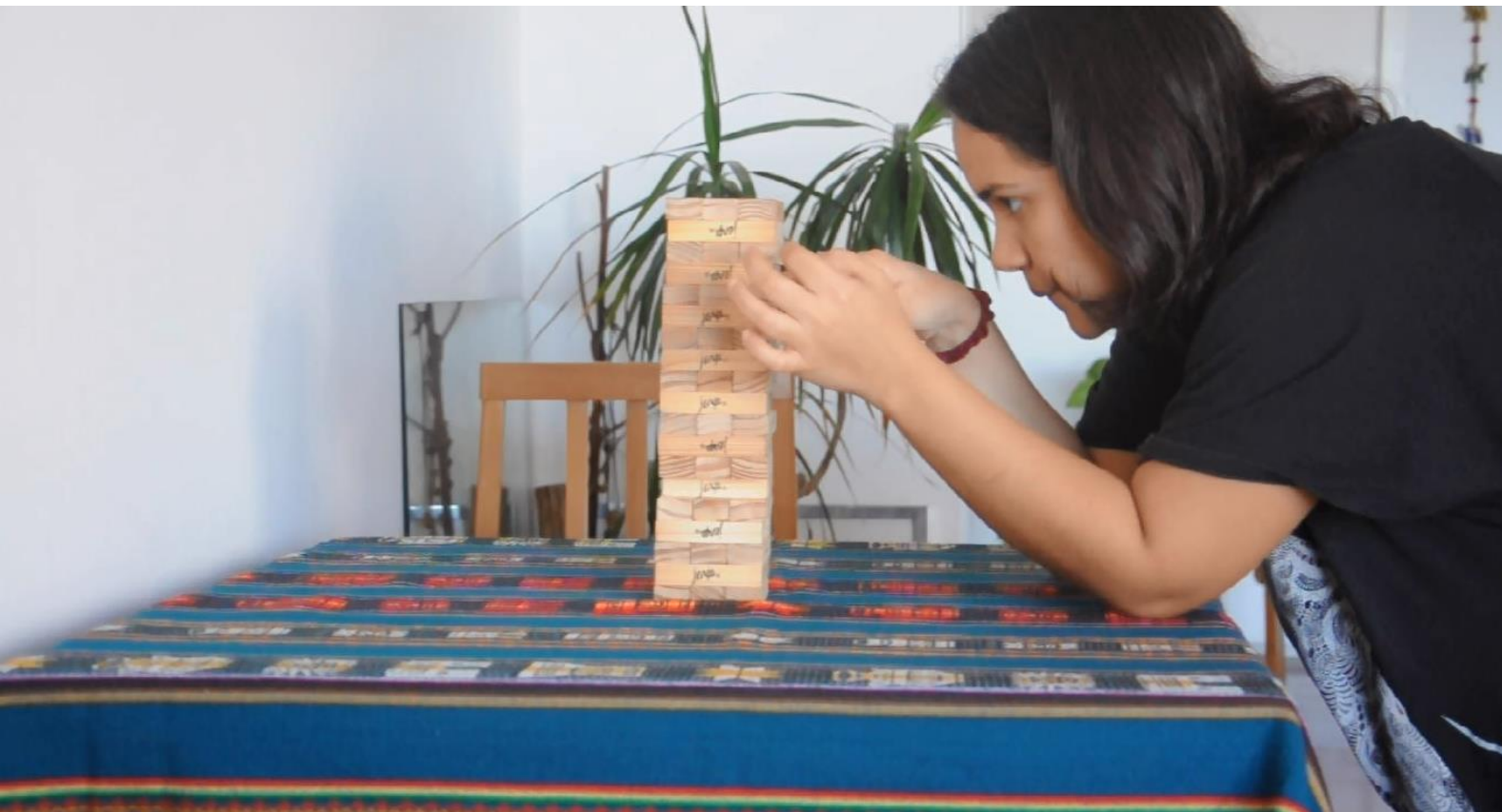
Os pensamentos e os discursos passam por constantes viradas. Não quero acreditar que as ideias sejam superadas, mas são transubstanciadas em outras. Gosto de enxergar como percurso. Entender o pensamento sempre como algo a ser superado por teorias novas que derrotam o pensamento antigo é também entender a história de maneira linear e servir ao ideal progressistas de constante aniquilação do antigo pela existência do novo. Não faço parte desses que estão tentando frequentemente derrotar os seus antecessores. Acredito no repasse.

Na importância dos que vieram antes de mim. É necessário permanecer nas crises e aprender a existir dentro delas, pois são elas as geradoras desses processos de transubstanciação. O pessimismo deve ser performado. Retirar da pesquisa a pretensão salvacionista. Retirar da arte a pretensão salvacionista. A arte não deve se colocar no lugar de resolver os problemas do mundo, mas sim de lançar questões. Retirar da arte o lugar da conclusão e investir no aberto, na exposição das feridas, dos sintomas, das sequelas. Pensar movimento. Pensar o corpo. Desaprendemos a utilização do nosso corpo. Desaprendemos as nossas capacidades corpóreas da nossa espécie. Entender o caminho pelo corpo. Investigar pela via do corpo. Uma poética terrana deve entender que é urgente investigar uma experiência mais profunda pela via do corpo. Outras formas de organização corpórea. Outras formas de composição com o espaço. Cérebros localizados em diversas partes do corpo. Corpo como um ser total. Investigar a fabricação de um corpo. Um corpo ainda por vir.



AÇÃO

Encontrar os caminhos possíveis. Saída do pessimismo. Performar o pessimismo. Aceitação. Economizar energia. Usar as forças de maneira estratégica. Investir no micro e nas redes. Inventar núcleos de resistência. Comunas. Investir no pequeno. Agir localmente, pensar globalmente. Criação em Artes como núcleos de resistência.



MOVIMENTO DE PARADA E ECOLOGIA DE SI

Vivenciar exercícios no cotidiano. Performar a vida. Vivenciar no corpo. Reconexão com o lugar de habitação. Sobreviver ao quadro que se apresenta. Deslocamentos perceptivos. Problematizar o corpo utilitário. Desconfiar da aceleração do tempo. Movimento de parada. A desaceleração é importante, mas não dá conta. Parar. Parar e passar um tempo sem fazer nada e sem pensar em nada. Nadismo. Meditação. Mindfulness. Agir contra a produtividade. Exercícios

contra a produtividade. Exercícios para não fazer nada. Saída de um pensamento catastrófico paralisante. Entrada na invenção de um corpo. Criar um corpo para si. Ecologia de si. Ecologia de si como enfrentamento ao Antropoceno. Obras de arte que nos lancem para outras possibilidades de mundo. Invenção de mundos. Criação de realidades.

Somos natureza.

Bifões vomitados em jorro

Sensação de incapacidade e insuficiência diante do contexto global ~~traz o peso de saber que é~~ surgimento de um reposicionamento existencial que mobilize ~~preciso mobilizar~~ forças que nos retirem do anestesiamento, do apagamento e do esquecimento, que nos lembrem de nossas vidas passadas, nossos parentes e nossos ancestrais Sei que carrego através de minhas transmissões genéticas um outro entendimento acerca do tempo, disparando uma revisão sobre o Acontecimento. Acontecimento como algo que está para além da vivência do imediato carrego comigo desde antes do meu nascimento: a história de um povo marcado pelo genocídio em massa, pela colonização, por um projeto falido de civilização; a história do espaço e o entendimento de que também somos o espaço; a não dissociação entre o território da pele e o fora; O processo de corrosão terrestre de nome colonização; O fracasso da modernidade como base ontológica; o deslocamento ontológico. Busco procedimentos artísticos que absorvam de alguma maneira a catástrofe global, o genocídio e a colonização. ONDE VOCÊS ESTÃO? COMO VOCÊS ESTÃO? ESTÁ TRANQUILO ONDE VOCÊS ESTÃO? “É preciso pecar em dobro para virar esse país do avesso”, “A saída do brasileiro é a linha do mal”, Ou quando Jorge Loredo diz: “Vender a alma ao demônio, essa é a saída do brasileiro por enquanto”, Ou quando Helena Ignez diz: “O sistema solar é um lixo”, “Êta planetinha metido a besta”, Ou quando Maria Gladys grita descendo a favela: "Estou com fome" "Ai que dor de barriga". CINEMA POLÍTICO PURO E EPIDÉRMICO! De Rogerio Sganzerla. O Ativismo da natureza. EVITEMOS A PRETENSÃO SALVACIONISTA! Fabricação de um corpo resiliente. Vários corpos. Múltiplos corpos. Corpos em rede. Resiliência como propriedade do corpo. Multidão habitada. Pensar a vida como potência. Reverter o nihilismo. Potencializar a vida. A vida é resiliente. A vida como constante reinvenção. ROMPAM COM A OPOSIÇÃO HOMEM X NATUREZA! Transmutação. Corpo morto. Transmutação. *Land art*. Arte como invenção de possíveis. Realidades humanas que mostram outras capacidades do humano ou outras maneiras de o humano existir, se relacionar e conviver entre si de uma maneira menos destrutiva. Construção de uma estrutura dramaturgica que comporte novos mundos. Paisagem (humana e não-humana).

Deslocamento perceptivo. Cosmopolítica. Sentimento de desconexão. Relação com o espaço. Limites da condição humana. Ancestralidade. Ancestrais não-humanos. Crise planetária: crise da percepção: crise no sensível. Ecolítica. Experiência do horror. Corpo que experiencia a catástrofe. Olhar não hegemônico. Zonas intangíveis do sensível. O sensível mutilado pela desconexão entre natureza e cultura. O desmoronamento das certezas é disparado no contato com o desconhecido: o que não temos referências para lidar. Aprender com os rituais de transe/alteração de consciência. Deslocamento perceptivo. Recuperação do sensível. Pensar sobre os possíveis. O que é o homem? O que é a humanidade? O homem: um problema em aberto. Gaia: terra como organismo, organismo mecânico. Organismo sensível. Pele sensível da terra. Conexão visceral com a terra. Desdramatizar o humano. Mudar de forma. Desdramatizar a morte humana. Desdramatizar a extinção humana. Parar de pensar que esse é O drama. O mundo criado para nos fazer crer no biopoder e nos interesses econômicos contou com a invenção de narrativas hegemônicas. Como a arte poderia contrapor? *Logos* é ruído. Morte. Terra gasta. Terra devastada. Delírio. Possessão. A terra como dimensão política fundamental. Drama da vegetação. Dimensão planetária. Expansão das vozes humanas. Corpo a partir da fragilidade e terra a partir da devastação. Animais multicelulares. Poderes mentais extracerebrais. Variações. Mutações. Necessidade de invenção. Correlação de todas as partes, ao mesmo tempo, em sua maneira de convergir. Expressividade improvisacional do instinto. Topologia da experiência. Capacidade de superar o que está dado. A autonomia autoexpressiva da atividade vital. Involução criativa. Emergência da linguagem: distinção entre mapa e território. Redobramento metacomunicacional. Todo ato de linguagem performativamente metagesticula para a própria vocação comunicativa. Presente da brincadeira x futuro do combate: treino? Pluralidade de mundos, de visões e de formas distintas de ocupar e pertencer à terra. Contra as narrativas dominantes. Afecções do corpo na relação com o ambiente (*environment art*). Arte ecológica. Arte ecolítica. Performar o conhecimento. Manifesto como pedagogia. Manifesto como distopia. Manifesto como performance não-totalizante. Escrita com tom de manifesto. Auto-gestão e debate sobre o futuro. Muitos tempos. Outras naturezas. Outras culturas. Tótem. Mercado de alimentos. Indústria alimentícia. Outras formas de viver a condição

humana. Cidade para pessoas. Que outros projetos de cidade existem? Sensação de falta de conexão com os espaços. Extremo cansaço com o bombardeamento de informações e com a velocidade acelerada dos acontecimentos. Intervenção humana na natureza. De que modo estamos intervindo no mundo? Como podemos intervir? Microexercícios para habitar o mundo. Viver em escuta virou um exercício. Não se trata apenas de interferir, como deixar que o espaço intervenha em você? Aprender com outros seres vivos. Exercício de pensamento sobre outras formas de estar no mundo. Campo x cidade. Contrastes. Nadismo. Outra relação com o tempo quando se tenta não fazer nada. Deslocamento do tempo. Aceleração x parada. Uma outra experiência do tempo. Uma outra experiência do pensamento. Exercício de escoamento dos excessos. Reconhecimento das árvores. Ancestralidade vegetal. Zonas intangíveis. Captar afetos de outros seres. Forças invisíveis que atuam em nosso meio. Apresentar outros mundos através da arte. Desvios do homem. Construção pelos sentidos. Descondicionamento através da arte. Realizar com a escrita uma ecologia sensível do pensamento. Sobrevivência do mundo sensível em um contexto de crise planetária. Algo de um modo de vida que é preciso preservar. Preservação do sensível. Sobrevivência do sensível. Estruturas inomináveis e zonas inatingíveis. É uma pena que estejamos inseridas em um recorte do real onde não nos é concedida a permissão para experimentar zonas de sexualidade diversas. Experimentações prostéticas nas camadas inimagináveis de sexualidade. A experiência trans é uma experiência revolucionária porque ela expande os possíveis da sexualidade em estado de experimentação contínua. Nos ensina sobre invenção de realidade e performatividade que age diretamente no cis-tema. É uma injeção de subversão na normatividade. É uma pena que não tenham entendido isso e queiram nos colocar pra fora do mundo. O que eles não sabem é que o Fora não existe. Estamos todas dentro. E não vamos deitar. Bolsonaro nos retirou das diretrizes dos direitos humanos dessa nação. Enquanto isso eu, que serei muito provavelmente a primeira

peessoa trans a me formar no programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, me pergunto qual o sentido da pesquisa nesse país? Por que continuar pesquisando? Estou aqui prestes a concluir a escrita da minha dissertação diante desse cenário mortífero e ameaçador para as vidas de corpos historicamente lançados para fora desse mundo. Esse projeto de civilização não quer nos escutar. Não estão interessados no que estamos produzindo de novas formas de relação e novas formas de pensar o sistema geofísico do planeta. Eles estão construindo as catapultas e estão nos lançando para o fim junto com eles. Nos incluem nesse suicídio coletivo sem ao menos escutar o que temos. E ainda nos fazem linha de frente desse apocalipse, junto com outros corpos assassinados durante essa história que eles teimaram em construir. Enquanto eles constroem suas cidades subterrâneas e subaquáticas. Enquanto pensam sonares. Enquanto pensam a colonização de Marte. Tudo declarado. Chegou forte com toda essa dinâmica temporal que estamos vivendo: um furacão sistêmica que-ou-nos-dissipa-ou-nos engole. É mais do que nunca importante investigar a perda da terceira perna que nos coloca em posição de tripé estável. Tudo o que fomos até hoje não é garantia de nada. Não há fidelidade com a identidade. São códigos: a sua voz, o seu gestual, a sua carcaça... Basta, às vezes, dizer que é possível. Criar um possível. Tudo é ficção. Criamos corpos utópicos. Nos equivocamos sobre o orgânico, sobre o vivo. Não compreendemos bem nossa relação com as materialidades... com a manipulação dos artifícios. Tudo aqui agora. Depois de 27 anos conseguindo ser eu de verdade. Eu nunca soube direito quem eu era. TÃO BOM ESTAR VIVA. O mundo desabando. Daqui há pouco minha primeira consulta no endocrinologista. Me masturbo de saia. Penso sobre minha vida

sexual até aqui. Tudo tão fora do lugar até então. Deve ser muito bom dar uma trepada se reconhecendo como um corpo desejan- te. Quantas vezes me martirizei após o sexo como uma imagem de si deturpada no espelho de teto do motel? Preciso de muita paciência, respiração e calma. É como se tivesse sendo extraído lentamente algo muito ruim do meu corpo. Sinto dores frequentes. Não sei bem o que é a realidade. Sinto raiva de todos os discursos de auto-aceitação que tentaram me impor. Eu tenho o direito de modificar o meu corpo. Eu quero modificá-lo e irei modificá-lo. Quero inventar um corpo pra mim. Quero remodelar minha carcaça. Quero me sentir bem. Foda-se, Augusto Cury. O ânus é o final da boca e é por ele que o mundo inicia. O ânus é o final da boca e é por ele que iremos todas ser levadas. Como um portal completamente novo. Por onde tudo nos será revelado. Começo tudo de novo, quantas vezes for necessário mesmo sabendo que nada nunca é um começo e que somos fruto de transmissões genéticas ancestrais, mas performo esse começo porque me dou a chance de nascer de novo quantas vezes for necessário. Matar os processos de individualização é um movimento necessário para esses tempos, criando redes de fortalecimento e ajuda mútua. tenho sentido muito isso com as manas. acho que elas entendem bem a importância disso. entender melhor também as camadas de utilização do dinheiro. superar a competição e o desejo de ser superior ao outro. a obsessão pela vontade de se destacar. a vontade de poder. o monopólio dos espaços... fazer incendiar o cis-tema... "Segunda Nota. Àquelas de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àquelas de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àquelas de nós que fomos feitas entre apocalipses, filhas do fim do mundo, herdeiras malditas de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àquelas de nós cujas dores

confluem como rios a esconder-se na terra; àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e que nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado: eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele." O MUNDO É MEU TRAUMA. Jota Mombaça.

eu nunca te contei, amor
às vezes sinto vontade de desistir de tudo
de acabar de vez com essa ficção
você olha pra mim e nem imagina
tá pesado e minhas costas doem
eu só quero que isso acabe
medo de perder trabalhos
medo de perder amores
medo de perder amigos
mas sei que quem tiver que estar, irá estar
os que não estiverem talvez seja porque nunca estiveram
é isso

O MEU CORPO É UM CORPO ALIENÍGENA É ALIENÍGENA
PORQUE EU SOU UM OBJETO NÃO IDENTIFICADO QUE
PERFURA A NORMA COM MEUS GESTOS COM MINHAS
VESTES COM MINHAS UNHAS COM MINHA MAQUIAGEM COM
O MEU BATOM TECNOLOGIAS PRÓTESES ESTROGÊNIO

REGENERAÇÃO DESMONTE CAPACIDADE DE SE
DESMONTAR E SE REMONTAR NOVAMENTE CRIAÇÃO DE UM
CORPO RESILIENTE DESMONTÁVEL CAPACIDADE DE SER
QUASE MORTIFICADA MAS SE REGENERAR FACILMENTE

Cosmopolítica. Despertar dos sonambulismos disciplinares-
institucionais. Texto trickster. O acordar do sonâmbulo. A ciência
dançante. A ciência precisa de amadores. Máquina de
esquecimento. Dançar o risco. Arriscar-se na experimentação.
Suspense experimental. Para Isabelle Stengers, uma ciência triste é
aquela em que não se dança. Desaceleração da ciência.
Temporalidade das plantas. Conexões parciais. Escrita em transe.
O ser que intervém na escrita em transe. A escrita como um tipo de
animismo.

Estratégias. Confubalações. Hackeamento. Sabotagem. Motim. Destituição. Levante.

O Antropoceno traz com ele a devastação do sensível. O mundo sensível se encontra ameaçado pelos esforços e investidas do capitalismo contra os nossos sentidos. Devemos fazer da criação em arte uma política contra-hegemônica. Entrando em contato com culturas que sempre realizaram a preservação do sensível. Precisamos descolonizar os nossos corpos, pensando em diálogo com perspectivas descoloniais, pós-coloniais e anti-coloniais, agindo na busca pelo pensamento sobre uma corporeidade que não se encontra dissociada da cultura e da vida, entendendo que: “As estéticas decoloniais buscam descolonizar os conceitos cúmplices da arte e estética para liberar a subjetividade (...) então as estéticas decoloniais nos processos do fazer e em seus produtos tanto como em seu entendimento, começam por aquilo que a arte e as estéticas ocidentais implicitamente ocultam: a feridade colonial” (GOMEZ; MIGNOLO, p. 09)

Devemos conhecer de que maneira seríamos capazes de pensar a vida como obra de arte terrana. E com Deleuze/Guattari entendendo a arte como ato de criação terrana. Ou ainda: “[...] Brincar de desfazer certas ordens cristalizadas no espelho do Tempo, incluindo aí novas e estranhas pedrinhas, a fim de criar outras ficções de vida, outras vidas” (PELBART, 1993, p. 12). Repensar a temporalidade vigente. Ampliar a dimensão do que ainda não pode ser visualizado com tanta clareza, pois está encoberto por fatores de captura. Ou quando Viveiros de Castro e Danowski escrevem sobre “(...) uma variedade de maneiras pelas quais as culturas humanas têm imaginado a desarticulação dos quadros espaciotemporais da história” (2014, p.11). Elaborar dramas que surjam a partir da atividade humana de imaginar um mundo por vir, propondo uma desarticulação nos quadros espaciotemporais da história. Pensar as metodologias de criação em artes como desarticuladoras do espaço-tempo. O corpo como um disparador de uma experiência com tempos desarticulados. Tempos desconectados. Tempos outros. Tempos construídos. Manipulação e invenção de tempos.

No contato com outras cosmogonias é possível investigar alterações nos modos de percepção do mundo. Em um mundo onde a zona do sensível está mutilada, investigar outras cosmogonias com o objetivo de aprender outras maneiras de experienciar o mundo é uma maneira de criação de zonas do possível. É também invenção de outro tempo para que situações descoladas do contexto histórico atual possam ser estabelecidas e materializadas. Dimensões outras multiplicadas. Proliferações do real. O templo do sonho de Maeterlinck. O teatro da morte e o manequim como modelo de Tadeusz Kantor. As notas sobre o cinematógrafo de Robert Bresson e seus modelos. O cinema de Rainer Werner Fassbinder, de Andrzej Zulawski, de Philippe Grandrieux, de Rogério Sganzerla. Natación de Virgílio Piñera. May b de Maguy Marin. A imaginação opera dentro de outra lógica: a da ampliação das possibilidades imprecisas e tortuosas. Possibilidades libertas da obrigação do ter que fazer sentido. Ou ter que significar alguma coisa.

O tempo do sonho é o tempo que Davi Kopenawa nos incita a pensar quando fala sobre o homem branco ter desaprendido a sonhar:

Os brancos nos chamam de ignorantes apenas porque somos gente diferente deles. Na verdade, é o pensamento deles que se mostra curto e obscuro. Não consegue se expandir e se elevar, porque eles querem ignorar a morte. [...] Ficam sempre bebendo cachaça e cerveja, que lhes esquentam e esfumaçam o peito. É por isso que suas palavras ficam tão ruins e emaranhadas. Não queremos mais ouvi-las. Para nós, a política é outra coisa. São as palavras de Omama e dos xapiri que ele nos deixou. São as palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo. Os brancos não sonham tão longe quanto nós. Dormem muito, mas só sonham consigo mesmos. (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 390)

Quando Viveiros de Castro e Deborah Danowski discorrem sobre as mitocsmologias ameríndias, surge o conceito de “presente etnográfico” que é, para eles, “o mundo atual que vai (ou ia) existindo no intervalo entre o tempo das origens e o fim dos tempos” (2014, p. 90). Localizar-se como tempo intercalar entre o início e o fim é localizar também uma outra esfera do pensamento sobre o tempo e sobre a história. O tempo que intercala o tempo da origem e o tempo do fim. Como produzir obras de arte que nascem do presente etnográfico? Da localização do entremeio? Assumir esse termo insere o acontecimento em um devir-outro, permitindo a inserção de “(metamorfozes erráticas, plasticidades

anatômicas, corporalidades 'desorganizadas') em favor de uma maior univocidade ontológica" (idem, ibidem, p.91).

O presente etnográfico é o tempo das "sociedades frias" de Lévi-Strauss, "sociedades contra o aceleracionismo" ou sociedades lentas [...], que entendem que todas as mudanças cosmopolíticas necessárias para a existência humana já aconteceram, e que a tarefa do ethnos é assegurar e reproduzir esse "sempre já". (idem, ibidem, p. 91)

É preciso realizar obras de arte com a consciência do presente etnográfico e em oposição ao aceleracionismo. Um tempo presente que não almeja progresso, mas que tem como objetivo apenas assegurar um sempre já. Desacelerando. Localizando-se em outra dimensão temporal contra o tempo veloz das sociedades modernas.

Viver no Antropoceno é também fazer um mapa com os traços do fim, ou seja, identificar e diagnosticar Acontecimentos que revelam uma proximidade com o fim. Mapear os fins que já acontecerem. Tirá-los da poeira do esquecimento, do apagamento e do silenciamento. "[...] Se o Antropoceno, no sentido de Chakrabarty ou Latour, é o nome de um efeito que atinge a todos os habitantes do planeta, a Gaia de Stengers é o nome de uma operação, isto é, do efeito que esse efeito deve suscitar naqueles que os causaram" (idem, ibidem, p. 144). Precisamos suscitar com a arte o efeito de Gaia: "Gaia é apenas o nome da somação final, em todos os sentidos deste adjetivo, dessas figuras do fim: Gaia, enfim, é a escala máxima que podemos atingir" (idem, ibidem, p. 139). Podemos tirar desse conceito uma potência nos modos de pensar a arte/vida ou um corpo potencializado pelo efeito de Gaia. Promover com a criação de obras um efeito que suscite Gaia:

Crer no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, fomos desapossados dele. Crer no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle, ou fazer emergir novos espaços-tempos, mesmo se de superfície ou volume reduzidos. [...] É em cada tentativa que se julga a capacidade de resistência, ou, ao contrário, de submissão a um controle. É preciso criação e povo ao mesmo tempo. (DELEUZE apud VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2014, p. 159).

O campo das artes é um lugar de fundação de liberdades e de propagação da atividade de criação. Para realizar um ato de resistência com nossas obras é

necessário que não o dissociemos do pensamento de povo. Unir a criação ao povo que falta auxilia na construção do que queremos para um mundo por vir. Precisamos fazer da arte um ato de crença no mundo para escapar do controle. Fazer emergir novos espaços-tempos e outras qualidades de experiência para que possamos despertar do estado de anestesia no qual estamos inseridos. Oferecer, através da arte, outro nível de experiência que não se encontre nos parâmetros limitadores do sistema em que vivemos. Experiência liberta dos parâmetros de realidade como reprodução de modelos já existentes. Experiência como vivência do desconhecido. Experiência como conhecimento que se constrói no contato primeiro com o novo. Experiência que nasce do espanto, do assombro. Estranhamentos cognitivos. Da ordem do sensível. Da ordem do sensorial. Do que não se explica. Do que as palavras não podem dar conta.

Devemos aproximar a arte da noção de “slow science” de Isabelle Stengers e das “ciências menores” de Bruno Latour, com o intuito de inserir na produção das Artes um pensamento fundador de modos de operação que ajam na contracorrente do mercado de Artes que nos obriga a entrar em nossos processos artísticos com o mesmo corpo que o capitalismo nos impõe e com o mesmo modo de se relacionar que o capitalismo nos impõe, gerando em nós uma proximidade com os esquemas de trabalho de que tanto questionamos: relações hierárquicas, relações de poder, hostilidade com os companheiros de processo, estresses causados pela pressão da produtividade, dificuldade de lidar com o fracasso, necessidade constante de auto-superação e busca incessante pelo novo e todo um sistema construído que busca assimilação com os processos intermináveis de captura.

Quando Walter Benjamin escreve sobre a experiência que virá no texto não publicado *Sobre o programa da filosofia do porvir*, ele escreve sobre uma experiência que vá além da experiência histórica, “[...] ele se interessa por um conceito de experiência que ofereça as bases para qualquer experiência possível” (BAPTISTA e LIMA, 2013, p. 459). A elaboração de uma metafísica que não seja limitante e que suporte a experiência do absoluto. Um contato com um conteúdo metafísico mais profundo. Precisamos repensar o conceito de experiência para adentrar outras metodologias de criação em Artes.

Escrevo aqui sobre experiência em Walter Benjamin, pois acredito que é um dos pressupostos para que aconteça a invenção de procedimentos artísticos necessários no Antropoceno. Para Benjamin não existe experiência separada de conhecimento. Para ele é preciso encontrar uma qualidade de experiência que se conecte verdadeiramente com a realidade. Articular o conceito de experiência com as possibilidades de criações míticas para o Antropoceno. Pensar obras de arte que levem o estranhamento às suas últimas consequências. Estranhamento que proponha qualidades de experiências fundadoras de outros níveis de consciência. O que escreve também Benjamin em Experiência e Pobreza ao citar o bárbaro positivo, aquele que age como um bárbaro na tentativa de não se referenciar a nada do que fosse herança da civilização. Aquele que cria sem se apoiar no que passou com consciência da pobreza de sua experiência (idem, ibidem, p. 464). É a pobreza dos nossos tempos e a necessidade de criar em arte algo que fuja dessa pobreza através da busca por uma experiência nova. Ele escreve:

Responderemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda. (BENJAMIN, 1987, p. 115-116).

É construção do novo. Invenção. O contato com o novo é possibilitado a partir do contato com obras de arte que se propõem a trabalhar com o conceito de invenção. Um conhecimento que seja construído no contato com o acontecimento. Acontecimento-catástrofe. Contato com o desconhecido. Acontecimento que ainda não conheço.

Produzir obras de arte que apresentem as questões dos muitos mundos subalternizados. Elaborar narrativas corporais para dar conta do silenciamento e do apagamento de inúmeros arquivos da história. Inventar disparadores para processos artísticos de composição e formação de obras de arte que dialoguem com essas formas que apenas podemos tatear. Erguer armas terranas a partir

da melancolia colonial que paira no ar dos países subdesenvolvidos, onde a inércia parece sugerir um aprisionamento contínuo dos nossos corpos. Criar cartografias terranas a serem formuladas sabendo que o projeto colonial decretou o fim de diversos mundos e pluralidades existenciais. Investigar procedimentos artísticos que apresentem os conceitos de devastação e artificialização do planeta através de uma denúncia brutal dos mundos apagados e submersos.

Pensando com Rita Natálio a partir de Ailton Krenak:

Como um rio em coma que mergulha mais fundo na terra para escapar à poluição na superfície, a possibilidade de continuar a pensar implica encontrar formas de continuar a correr, como um rio, e desenvolver afinidades/alianças com outros agentes, como a terra. Como um rio fugitivo próxima da morte, a diferença entre alterpolítica e antipolítica seria precisamente a possibilidade de continuar a pensar/imaginar e desenvolver conexões entre seres, nomeadamente não-humanos. A descrição de Krenak parece assim vincular a luta indígena ao não-humano, à possibilidade de dissolver a linguagem e experimentar uma ação-pensamento impessoal. (2016, p. 04)

Rita Natálio nos oferece uma pista valiosa para o desenvolvimento de procedimentos artísticos que experimentem seus processos como fundação de uma alterpolítica vinculada ao não-humano, com o intuito de dissolver a linguagem almejando a formulação de um pensamento que não se dissocie da ação. Pensando aqui também, junto com Natálio, que a produção do não-humano coloca também os indígenas e os povos escravizados em uma condição de “inumanidade”, pois suas condições estão mais próximas de um lugar nenhum. Para Danowski e Viveiros de Castro:

O que o Antropoceno põe em cheque, justamente, é a própria noção de *anthropos*, de um sujeito universal (espécie, mas *também* classe ou multidão) capaz de agir como um só *povo*. A situação propriamente *etnopolítica* do “humano” como multiplicidade intensiva e extensiva de *povos* deve ser reconhecida como implicada diretamente na crise do Antropoceno. Se não existe um interesse universal humano *positivo*, é porque existe uma diversidade de alinhamentos políticos dos diversos povos ou “culturas” mundiais com muitos outros actantes e povos não-humanos (formando o que Latour chama de “coletivos”) *contra* os auto-intitulados porta-vozes do Universal. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p.121)

Criar obras de arte com a consciência da barbárie por vir e da Intrusão de Gaia. O contexto de guerra já vem sendo construído há tempos, com nossos modos de habitação, devastação da natureza e massacre dos povos considerados selvagens pelo mundo civilizado. Fundar conflitos entre o humano e o seu lugar de habitação e uma sensação de não-pertencimento ao mundo do qual fazemos parte para que possamos, como escreve Stengers, vislumbrar “(...) a possibilidade de um futuro que não seja bárbaro” (STENGERS, 2015, p. 16).

A arte deve vir a ser o espaço de amplificação das vozes desses povos para que possamos vivenciar uma espécie de treinamento para o mundo por vir. Obras de arte que deem a ver essas possibilidades de mundo elaboradas por esses povos menores, os terranos. E também um pouco do que escreve Juliana Fausto (2013) sobre trazer o discurso dos povos não-humanos para o centro da política. Realizar obras de arte de vertente terrana. Obras de arte do povo que falta. Do povo por vir. O povo que virá: povo que se opõe aos humanos/terraqueos (os destruidores do Sistema Terra).

As Artes devem deixar de ser um meio de expressão humana/terraquea para tornar-se uma arma de guerra terrana. A arte está em realizar a poesia da volta. Realizar através do teatro a mudança de rota. A confusão das escalas. O olhar plus intra.

Latour escreve:

[...] testemunhamos a destruição gradual da velha ideia galileana da Terra como um corpo entre outros corpos espaciais. Somos forçados a trazer nosso olhar de volta à Gaia sublunar, tão ativamente modificada pela ação humana que ingressou em um novo período, que os geólogos-feitos-filósofos propõem chamar de Antropoceno. (2014, p. 12).

Devemos produzir obras de arte com consciência das mudanças de rumo provocadas pelo Antropoceno. Mudanças essas impostas ao mundo pelo homem branco. É nosso dever construir outras plataformas de realidade, tornar possível com a arte a criação de mundos possíveis a partir da falência de um projeto moderno de sociedade. O que podemos e devemos realizar é uma espécie de deslocamento na experiência do tempo, aflorar nossas percepções e realizar um resgate do mundo sensível.

Pensar a resistência dançando e pela imagem como um outro lugar do ativismo político e da militância que não cessa no discurso dizível, mas vai para além dele. Pensar a resistência escrevendo. É importante pensar a palavra como corpo também, como ação. Pensar na força da palavra como nos coloca Austin em seu texto sobre os atos de fala. O campo da arte atua politicamente deslocando o lugar da militância para um outro espectro, mas não deve negá-la e sim potencializá-la. A arte terrana não deve negar a militância e os movimentos de resistência. A arte terrana deve se aproximar da militância, expandindo suas capacidades, produzindo efeitos específicos das suas zonas sensíveis e do seu poder de afetação mútua e da produção de sentidos outros. Militar com o corpo e com as sensações. Aí residem os primeiros passos para a elaboração de uma poética terrana.

Estranhamento cognitivo

O que acontece quando uma estrutura começa a ruir? Como lidar com o desmoronamento das certezas? Com um modo de operação que solicita a fundação de referências próprias de cada experiência? Eu busco o estranhamento cognitivo no hibridismo entre diversas linguagens artísticas. A busca por um registro de ator que tenha como modelo outros modos de operações existenciais, a expansão das possibilidades de presença do humano, a invenção de realidades/mundos e a ampliação do conceito de real. Perseguiamos a realização de obras de arte que instaurem outros possíveis em seus processos de criação. Creio na busca por outras noções de corpo e investigação de movimento. Tratei dessas questões no espetáculo *Elefantes Famintos*, que estreou em janeiro de 2015 e me deparei com o teatro como motor para criar outras realidades, surgiu a urgência de investigar formas de abordagens cênicas e corpóreas para refletir sobre o presente da nossa espécie e do nosso planeta, abordando a questão do Antropoceno no teatro. Antropoceno: o período em que o homem começa a interferir drasticamente no ecossistema terrestre, ocasionando destruições em grande escala.

É na tomada de consciência da atual crise planetária em curso que assumo como urgência de expressão a elaboração de estratégias artísticas que se proponham a realizar uma revisão da ideia de humano como espécie.

Me interesso pela busca de obras de arte que absorvam a memória dos acontecimentos que devastaram parcelas da espécie humana, realizando um fazer que nasça da iminência do fim. Obras-catástrofe que surgem do conflito entre o humano e o seu lugar de habitação e da sensação de não-pertencimento ao mundo em que habitamos.

Em *Notas de uma terra devastada*, intenciono questionar os modos de pensar corpo-vida como materialidade na obra de arte, tendo a vida como potência criadora. Perseguindo um pensamento que esteja também ligado ao nosso modo de existir e compor movimentação através de uma não-dissociação entre corpo e vida, entendendo a vida como possibilidade de invenção. Trazendo a experiência para a ordem mundana.

A pista, o ponto de partida de *Notas de uma terra devastada* é a fundação de uma experiência cênica que apresente o corpo humano como algo que se desligou da vivência com a terra através da exploração do solo terrestre com objetivos de dominação, ganância e ambição. *Notas* expurga com nossos corpos o processo de colonização enraizado em nós. *Notas* nos move em situação de crise planetária. *Notas* dança os processos irreversíveis de destruição em larga escala, retirando de nossas vísceras as grandes catástrofes e a extinção das outras espécies. Tentando criar uma obra cênica que põe em cheque a matriz antropocêntrica de pensamento, tentando reencontrar em nossos corpos uma conexão perdida com a noção de natureza que nunca se distanciou de nós.

Na elaboração dessa obra, entramos em contato com nossa corporeidade, com a confissão dos nossos segredos acerca do medo da finitude, perseguindo uma obra que seja testemunho da realidade e que tenha o conhecimento como instrumento para criar composições físicas que nos orientem e nos motivem em um mundo cada vez pior.

Interessa a mim com essa obra uma forma de resistência a partir de uma não-conformação com o mundo em que vivemos e vejo o teatro como um espaço para experimentar outros modos de operação. Vejo na arte a possibilidade de experimentar formas não legitimadas de sistema e desejo explorar outras formas de operar a partir do assombro e do contato com o desconhecido.

Em *O Mundo sem nós*, me perguntei: Como a criação em arte pode se deixar interferir por afetos não-humanos? Por formas outras de comunicação. Por formas outras de operação. Afetos alienígenas. Obras de arte que se proponham a negar a lógica humana de dominação. Que negue, de certa forma, a lógica terráquea estabelecida deste então.

Vivemos um processo com duas atrizes e um corpo com gênero indefinido. Nosso filme partiu de um trabalho com as atrizes e não de um roteiro. O argumento inicial: duas mulheres trancadas em um apartamento enquanto o mundo desmorona lá fora. A sala de ensaio como lugar de invenção, investigação a partir de improvisações guiadas para a construção de uma forma fílmica singular onde o processo com as atrizes é o condutor da narrativa. Uma

mulher diz de maneira estranha para o outro: *EU VOU ARRANCAR OS SEUS OLHOS!* (PARA QUE SE POSSA VER DE UMA OUTRA MANEIRA).

A figura do alienígena como um experimento. Experimento para a criação de fissuras no que se entende por realidade. O alienígena como um exercício para a musculatura da imaginação. O alienígena como uma maneira de forçar os limites da construção imaginativa. O alienígena como possibilidade para a materialização de outros estados corpóreos. O alienígena para trabalhar com possíveis para além do que se entende por humano. AFETOS ALIENÍGENAS.

Pensar narrativas fictícias e elementos da ficção científica é uma maneira de alargar os sentidos e as capacidades imaginativas do que poderíamos vir a ser. Pensar as narrativas do Apocalipse Zumbi é pensar na figura do morto-vivo como uma figura da ficção científica que nos abre possibilidades de reflexão acerca do mundo que hoje estamos imersos.

“O único mito moderno é o dos zumbis, esquizos mortificados, bons para o trabalho, reconduzidos à razão” escrevem Deleuze & Guattari em seu livro *O anti-édipo*. Sobre os zumbis, o Comitê Invisível escreve: “A figura do zumbi provém da cultura vodu haitiana. No cinema norte-americano, as massas revoltadas de zumbis servem cronicamente de alegoria à ameaça de insurreição generalizada do proletariado negro”. Pensar então no zumbi como a figura que representa no imaginário coletivo da ficção científica um ícone da insurreição é também pensar que a qualquer momento esses mortos-vivos podem ressurgir do mundo dos mortos para assombrar o mundo dos vivos. O mundo dos vivos seria ameaçado caso os mortos-vivos viessem a partir do assombro causar desestabilização na ordem, gerando o caos e o deslocamento das percepções do real. George A. Romero, em seus filmes, utilizava a figura dos zumbis como uma maneira de questionar e subverter a lógica social e capitalista. Em *Dawn of the Dead*, Romero coloca um grupo de humanos aprisionados dentro de um shopping enquanto uma horda de zumbis no exterior do shopping ameaçam suas vidas. Podemos ver então que nessa situação de absurdo dismantelar social, o consumismo do shopping é posto à prova, pois todas as mercadorias ali disponíveis no shopping perdem sua utilidade e sua funcionalidade diante de

uma reformulação situacional da realidade e do modo de vida. O pensamento em torno dessas distopias pode ajudar a entender também as invenções do consumo como estruturações de verdades críveis e alienantes nas quais estamos bastante imersos para estranhar, questionar e não mais naturalizar.

Alexandre Nodari e Flávia Cera em seu artigo *A horda zumbi*, trazem à tona a figura do zumbi como processo de eliminação da alteridade e mesmificação que acaba com qualquer possibilidade de relação. Eles esclarecem que há uma variedade fenomenológica acerca dos zumbis e diferenciam os zumbis e vampiros dos canibais. Os zumbis e os vampiros não comem seus semelhantes tendo em vista que já se encontram em um estágio outro de corpo que não poderia ser assimilado ao corpo humano. Fazem parte de uma outra espécie gerada a partir de mutações, variações genéticas ou de deriva do humano. A alteridade então, nos filmes de zumbi, é aniquilada através do vírus e do contágio. Utilizar o zumbi para falar da normatização dos nossos corpos que são submetidos a violentos processos de docilização em prol de uma uniformização, padronização. ZUMBIFICAÇÃO. Extinção de diferenças. Extinção de alteridade. Extinção do Outro. Mortificação do Outro. Do que não se encaixa.

Pensar sobre morte é também se perguntar: quem são os outros matáveis? A favor da promoção de que tipo de vida age o biopoder? Quais são as vidas que importam ao sistema? Quais as vidas que não fazem falta? Quais as mortes que são mais lucrativas à lógica capitalista? A vida de um corpo negro importa para o Estado? A vida de um poeta louco que morava na rua importa ao Estado? A vida de Estamira importava para o Estado? Por que o Brasil é o país onde mais ambientalistas são assassinados? Por que o assassinato ainda é utilizado como maneira de silenciar uma categoria? O significa matar uma mulher negra em posição de poder como mataram Marielle Franco?

Giorgio Agamben escreve sobre o muçulmano nos campos de concentração. Crio paralelos entre o muçulmano e a figura de um morto-vivo. Os muçulmanos eram os corpos de prisioneiros nos campos de concentração que chegavam a um estado de subnutrição e de indignidade, onde as condições de sobrevivência lhe haviam sido retirados. Esses corpos vagavam pelos campos, ausentes de vida, como se já tivessem alcançado outro estado: o estado de

desumanidade. Pensar nessas figuras dos mortos-vivos é também pensar em uma performance do artista Emilio García Wehbi chamada *Proyecto Filoctetes*, que foi executada em diversos países, onde o artista colocava em diversos lugares das cidades bonecos hiperrealistas simulando mendigos ou corpos mortos em calçadas, praças e lugares públicos da cidade, as reações eram diversas. A noção de morte e de corpo morto. Pensar a morte em contraposição ao ideal de eternidade do homem branco europeu moderno civilizador é uma estratégia de resistência ao Antropoceno, tendo em vista que o Antropoceno nada mais é do que o medo de finitude total do homem ou da agência antropocêntrica no mundo.

É preciso reinventar a maneira como lidamos com a morte no ocidente. Precisamos, ao invés de temer o mundo dos mortos, temer o mundo dos vivos. Enxergar o perigo em determinada agência que promove a vida dos corpos que não estão localizados dentro da norma, gerando assim um processo de mortificação em larga escala. Não é de se espantar que hoje estejam falando tanto em controle da natalidade infantil em detrimento de uma política que diz que não cabe mais ninguém nisso que acostumamos chamar de nosso mundo. Quem será expulso do paraíso? Como podemos promover o despertar dos mortos?

Assim como em *Elefantes Famintos*, onde a atriz Nádia Camuça havia sido abduzida por um extraterrestre. A tomada do corpo por um alienígena seria então a maneira de adentrar de uma vez por todas em outro caráter dimensional de realidade inventiva. A entrada do alienígena no corpo. Como se dá a entrada do alienígena no corpo? Como a permanência do alienígena no corpo altera os rumos do estado de presença? Como comporta-se o corpo após a saída do alienígena? A construção de um estado físico novo então se dá na lida com o alienígena como possibilidade cênica. Uma mulher, híbrido de humano com alienígena, verbalizando um texto de maneira deslocada do que se entende por realismo (em alguns momentos é impossível entender o que se diz):

Tive uma noite em que tudo me foi revelado. Como posso falar de novo? Não nos foi dado papel principal no drama cósmico. Estavam todos lá, cada um deles. Sabiam meu nome. Enquanto eu escapava

feito um besouro ao longo das costas de suas cadeiras. Um instante de claridade antes da noite eterna. Isso está se tornando minha normalidade. Esse não é o mundo em que eu deseje viver. Eu me afogarei na disforia da lagoa negra e fria de mim mesmo. O poço da minha mente imaterial. Eu não devo falar mais. Alcancei o fim desse conto sombrio e repugnante. Um sentimento internado em uma carcaça alienígena. Estou morta há muito tempo. Afogando num mar de lógica. Esse monstruoso estado de paralisia. Eu vou morrer. Uma morte sub-intencional. Talvez isso me salve. Talvez isso me mate. Sobreviver é a salvação. Viver não existe. Dormir: um medo cíclico. Não é a lua, é a terra. Há um trabalho cósmico a ser feito. Eles me querem ocupada e distraída. Não lhes importa como. Com minha atenção errada e minha tolice grave, eu poderia atrapalhar o que está se fazendo através de mim. Eu própria. Eu propriamente dita. O que me revela que talvez eu seja um agente. Eles tiveram mesmo que me deixar adivinhar. Fizeram-me esquecer o que me deixaram adivinhar. Sou um instrumento do trabalho deles. Já me foi dado muito. Eles me concederam tudo. Outros agentes muito superiores a mim também trabalharam apenas (ruídos que impossibilitam a fala, a mulher parece estar sufocando) apenas para o que sabiam (...) pouquíssimas instruções (...) já me foi dado muito. “Falai, falai”, instruíram-me eles. Não nos foi dado papel principal no drama cósmico. Estou tão cansada. Diante de minha adoração possessiva eu poderia retrair-me e nunca mais voltar. Talvez, uma vez, ele ainda se locomova do espaço até essa janela que desde sempre esteve aberta e baixe no nosso edifício, iluminando-o.

O texto se dissolve em sonoridades experimentais. Sonoridades desconhecidas. A busca por não comunicar através da linguagem humana, no nosso caso, o português brasileiro. Outras formas de comunicação para além de

um entendimento pautado na significação. A busca por afetações sensoriais. A busca pela formulação de outros sentidos. Invenção dos afetos alienígenas.

Loreta Dialla, um híbrido de humano com alienígena. O corpo de uma mulher que passou por experimentações após um processo de abdução. Um texto dito em português com interferências de comandos externos ao corpo dele. Comandos extraterrestres. Um corpo híbrido induzido a realização de uma missão terrestre. O registro vocal distinto de um modo dizer cotidiano. Uma série de códigos na relação entre diretor e atriz. Parâmetros inventados em oposição aos parâmetros já pré-estabelecidos pela nossa condição terráquea.



Entender como o que se entende por corpo terráqueo está presente nas codificações dos nossos gestos e dos nossos modos de dizibilidade e vocalidade. Como podemos inventar outras formulações e materializações corpóreas que estejam localizadas em uma ideia de expansão de consciência ou deslocamento de consciência ou criação de outras consciências? É então o que nos interessa como posicionamento político e artístico: entender que a

codificação do nosso corpo cristalizou-se em um entendimento único de possíveis, bastante fincados no realismo e o cinema e o teatro continuam a reproduzir esses modelos de encenação e construção com as atrizes, sem duvidar dele e sem entender que passa por ele e através dele a questão em torno da normatização e docilização dos nossos corpos e dos nossos gestos e do que se entende por identidade, sujeito e humanidade.

Afetos alienígenas: outras potencialidades dos nossos corpos, descobertas de lugares que os nossos corpos poderiam atingir e que nossa experiência pessoal nos fez recalcar ou não explorar essas potencialidades. Estamos falando de um modelo social e de normatização da realidade, onde somos o tempo inteiro lembrados dos limites do nosso corpo como humanos e como sujeitos que compõem um modelo vigente de realidade.

É em vão continuarmos utilizando a palavra *humana* referindo-se à nossa espécie. É necessário romper com essa construção histórica de humanidade para que um novo tipo de comportamento, onde princípios não-humanos ou princípios humanos reformados se estabelecem como uma possível solução para que seja vivenciada uma ideia de cultura que não se dissocie da ideia de vida, pois “o ressecamento da linguagem acompanha sua limitação” (ARTAUD, 2006, p.8). A cultura não deve agir como um limitador, mas como um dispositivo de expansão. Como um processo de abertura com o objetivo de “rejeitar as limitações habituais do homem e os poderes do homem e a tornar infinitas as fronteiras do que chamamos realidade” (idem, ibidem, p. 8). A arte não deve importar-se com as fronteiras limitadoras da realidade, ela deve agir contra o sentido de realidade. Como um propagador de possibilidades de realidade. Como um desmoronamento da ordem. Um elemento de destruição de ideias e conceitos. Um cinema com atores metamórficos capazes de imaginar formas novas de operação e concretizá-las em seus corpos. Atores com corpos pulverizados. Corpos aniquilados. Transmutados. Que espalhem com o cinema uma epidemia sem retorno. Um estranhamento sem volta. O cinema como um disparador letal desse vírus modificador dos genes humanos. Não precisamos mais de humanos/terráqueos. Precisamos que uma nova espécie surja derivada dos humanos. Uma espécie que esteja disposta a vivenciar a cultura associada com a vida. Uma espécie que rememore sua mortalidade. Que reconheça seu

lugar de habitação: o planeta. Que conviva de forma não-danosa com as outras espécies de vida e com o ambiente terrestre. Para a construção de uma poética terrana, que não esteja interessada na busca por assimilação com o projeto de humanidade que normatiza nossos corpos e nossos gestos e nossas posturas de vida.

Devemos entender, como a linguagem performa a linguagem, entendendo aqui performatividade como o que escreve Karen Barad: “(...) a performatividade é precisamente a contestação do poder excessivo dado à linguagem de determinar o que é real” (2017, p.09). Está ligado então a uma determinada compreensão acerca do real e, para continuar citando Barad:

(...) a performatividade é na verdade uma contestação dos hábitos mentais irrefletidos que concedem à linguagem e a outras formas de representação mais poder para determinar nossas ontologias do que elas merecem” (2017, p.09)

Tratar dessas questões em um trabalho artístico é romper com uma lógica única de tratamento do real e dessa maneira lutar por uma política cognitiva que tente abrir brechas e fissuras no real vigente e nas maneiras já pré-estabelecidas de como dizer um texto, de como interpretar um personagem, de como performar uma situação, de como construir uma encenação e todos os códigos já pré-moldados que os suportes artísticos têm em seus modos convencionais de processo. Buscamos então processos de diferença nos nossos fazeres ou o que Donna Haraway escreve (apud BARAD) sobre difração como mapeamento de interferência e não de reprodução, reflexão e refração. Entender que estamos mapeando interferências para produzir ruídos ao invés de buscar uma reprodução dos modos que já existem e já estão dados, também é uma das formas de tentar romper com a ideia de representação unilateral do mundo, na busca por descobertas outras do que se entende como humano. O rompimento com o terráqueo para a formulação de corpos de uma poética terrana.

Esse escrito questiona as representações de realidade, na busca pela criação de múltiplas outras possibilidades de realidade, rompendo com a lógica da representação e do realismo, entendendo que “(...) o problema do realismo em filosofia é um produto da visão de mundo atomista” (BARAD, 2017, p. 12). Romper ou criar interferências com essas lógicas representacionais já tão

assimiladas pelos processos de criação. Entendemos porque confiamos sem duvidar nos códigos que nos foram repassados e na garantia de que essas formas já instituídas representam a realidade tal qual ela é. Desalienar. Essas ficções assumidas dos sentidos nos causam, a partir de uma inconformidade com a realidade já posta, a necessidade de inventar outros procedimentos que nos mostrem e apresentem outros reais possíveis. Nosso interesse mais profundo é o de substituir as lógicas representacionais por lógicas performativas. Uma performatividade denominada pós-humanista por Karen Barad:

Uma abordagem pós-humanista coloca em questão a imediatidade das categorias diferenciais de “humano” e “não-humano”, ao examinar as práticas através das quais essas fronteiras diferenciais são estabilizadas e desestabilizadas. (2017, p. 14).

O mundo sem nós busca performativamente a estabilização e desestabilização da categoria de “humano” e “não-humano”. Ao tratar de seres alienígenas estamos abordando a materialização de corpos que desestabilizam o que se entende por humano. O alienígena põe em cheque o conceito de real e está sempre sendo lançado para a categoria de ficção científica. Como escreve Donna Haraway: “(...) a fronteira entre ficção científica e realidade social é uma ilusão óptica” (1991, p. 36).

Buscamos a materialidade dos corpos. O que há de mais vivo neles para além das lógicas disciplinares, levando em conta a ontologia realista agencial de Karen Barad para uma reflexão acerca de uma metafísica performativa.

Em *Terra Ausente* experimentei a radicalização do elemento performativo. Investiguei uma metodologia de conversa com os performers para a construção de um roteiro. Um filme sobre uma mulher possuída pela terra e sua missão de encontrar corpos em transe em um mundo pós-apocalítico.

Esse filme tem um pouco de *Notas de uma terra devastada*, um pouco de *O mundo sem nós*, um pouco de *Os mestres loucos* de Jean Rouch, um pouco de Isabelle Adjani em *Possessão*, um pouco de Andrzej Zulawski, um pouco de Davi Kopenawa e Bruce Albert em *A queda do céu*, um pouco de Nataly Rocha, um pouco de Loreta Dialla, um pouco de Noá, um pouco de Honório Félix, um pouco de Juliana Tavares, um pouco de Henrique Gomes, um pouco de Yule Bernardo, um pouco de Breno de Lacerda, um pouco de Toni Benvenuti, um

pouco de Devon Zoal, um pouco de Victor Costa Lopes e muitas outras agências que se inserem no tecido fílmico dessa obra.

Jean Rouch em *Os mestres loucos*, mostra um ritual estranho e violento dos Haouka, na Costa do Ouro africana. É um filme sobre a invenção de estratégias ritualísticas contestadoras do modelo civilizatório europeu, como forma de os povos colonizados resistirem aos colonizadores, apropriando-se dos elementos de dominação e resignificando-os, pondo em cheque a naturalidade de suas opressões. Os estados corpóreos encontrados nesse ritual nos ensinam bastante sobre as capacidades humanas que foram apagadas com a colonização e uma certa noção de corpo que foi dissolvido em prol de um projeto europeu civilizador. Paulo Ricardo de Almeida, ao escrever para o site Contracampo sobre o filme de Rouch, diz:

Possuídos pelas divindades, os integrantes, em estado de transe catártico, reencenam o comportamento e as formas de interação social praticados pelos brancos. Não se trata, contudo, de aculturação, ou seja, da simples duplicação inocente e mecânica da realidade que observam diariamente na convivência desigual com o colonizador, o que confirmaria assim a suposta superioridade racial européia sobre os povos atrasados da África. Uma vez que Jean Rouch estabelece o corte magistral que contrapõe o ritual dos haouka ao da parada militar britânica no qual aquele se baseia, torna-se clara a estratégia de desconstruir o modelo colonial de organização política da sociedade africana, tomado como natural e verdadeiro, para mostrá-lo tão arbitrário quanto qualquer outro, apenas mais um meio de dominação que se valida pela força das armas e pelo poderio financeiro da Europa desenvolvida. Desterritorializados pela invenção da prática haouka, a rede sígnica (na qual se encontra o ridículo penacho no capacete do comandante militar inglês) que antes reificava a supremacia européia, agora é posta em perspectiva para que os povos africanos constantemente marginalizados pelo processo colonial fundem suas próprias coordenadas dentro da sociedade que, via de regra, os classifica como meros animais, criando, em consequência, um novo espaço para o exercício da subjetividade e da liberdade. É ao se identificar com o colonizador – e ao contestá-lo – que o colonizado se legitima e se faz ouvir no meio social excludente em que vive. (ALMEIDA, 2018)

Através desse ritual os Haouka expõem, de outra maneira, uma crítica severa e violenta sobre o sistema civilizador europeu. Surgem diversos questionamentos sobre encenação, sobre o pensamento do corpo e sobre a maneira como ainda construímos nossas narrativas fincadas em um modelo realista e de verossimilhança. Percebemos então que a construção convencional realista também serve ao colonizador quando pensamos que o sistema das Artes

do corpo está bastante fincado em uma noção de corpo europeia baseada, por sua vez, na razão, na palavra e nas construções realísticas de comunicação e significação. A forma como entendemos linguagem e comunicação passa por uma herança colonial. Quando observamos a encenação ritualística dos Haouka vemos materializada outras formas de comunicação e de construção de cena que não estão fincadas em modelos colonizadores de construção artística e de pensamento do corpo.

O filme *Terra Ausente* é a busca por uma sucessão de imagens se contrapondo ao modelo linear de criação de narrativa. Nele o que nos interessa é mais o que essas imagens apresentam de performatividade e menos o que a história dessas imagens conta. É a subversão do corpo terráqueo: uma mulher que cava a terra com o cotovelo, sem mostrar o rosto. Uma outra que é encontrada soterrada e grita: um grito vindo da terra. Uma mulher que caminha em uma paisagem natural em busca de sua ancestralidade perdida. Um corpo de sexo indefinido, performativamente drag queen, dança o ritual de uma comunicação extraterrestre em uma rádio abandonada, a mesma mulher que havia sido abduzida no curta-metragem *O mundo sem nós*, retorna com o vestido rasgado e através de códigos corporais inventados expressa a solidão de uma humanidade perdida e o desejo por uma urgente intervenção alienígena na pele terrestre.

Uma gosma branca que sai da boca de uma das mulheres enquanto uma outra suga sua gosma, processo de comunicação através de troca de fluidos. Uma mulher que fala olhando para o céu, evocando fantasmas. A transição de uma mulher retirada de seu estágio de humanidade para uma posterior transformação em outro corpo, talvez animalizado, talvez um híbrido, talvez, não sabemos ainda. Talvez o corpo do terrano. Um filme sobre o processo de transição que estamos passando como terráqueos? Um filme para performar outros estados corpóreos do humano?

É necessário e urgente construir outros tipos de relações entre os envolvidos na realização de uma obra fílmica. O filme foi realizado de maneira totalmente independente e colaborativa. O mais importante é tentar encontrar uma maneira não-hierárquica de relação entre os integrantes da equipe e uma destituição das fronteiras entre as funções. Por mais que existam funções

definidas, elas não devem nunca funcionar como limitadoras ou castradoras de potencialidades. Todos devem ter a liberdade de opinar e ter voz no processo, pondo em cheque dessa maneira a figura do diretor no set, que convencionalmente no cinema é colocado no topo da pirâmide da hierarquia cinematográfica. A função de diretor deve ser executada de maneira horizontal, sempre em diálogo e buscando organizar e mediar os desejos e conduzir o processo de maneira leve e não-impositiva. Modificar as maneiras como as relações se dão em processos artísticos.

A experimentação é o rompimento da pele. É o retirar da pele. Ou a pele descamada para o surgimento de outra. Talvez ainda a pele com múltiplas texturas. Com escamas. Com fluidos. Terrestre. Marítima. Aérea. Com possibilidades de voo. Com possibilidade de saltos. Desenvolver as paranormalidades.

Estratégias artísticas para a elaboração de armas terranas

- O mundo sem nós

Tive uma noite em que tudo me foi revelado. Como posso falar de novo? Não nos foi dado papel principal no drama cósmico. Estavam todos lá, cada um deles. Sabiam meu nome. Enquanto eu escapava feito um besouro ao longo das costas de suas cadeiras. Um instante de claridade antes da noite eterna. Isso está se tornando minha normalidade. Esse não é o mundo em que eu deseje viver. Eu me afogarei na disforia da lagoa negra e fria de mim mesmo. O poço da minha mente imaterial. Eu não devo falar mais. Alcancei o fim desse conto sombrio e repugnante. Um sentimento internado em uma carcaça alienígena. Estou morta há muito tempo. Afogando num mar de lógica. Esse monstruoso estado de paralisia. Eu vou morrer. Uma morte sub-intencional. Talvez isso me salve. Talvez isso me mate. Sobreviver é a salvação. Viver não existe. Dormir: um medo cíclico. Não é a lua, é a terra. Há um trabalho cósmico a ser feito. Eles me querem ocupada e distraída. Não lhes importa como. Com minha atenção errada e minha tolice grave, eu poderia atrapalhar o que está se fazendo através de mim. Eu própria. Eu propriamente dita. O que me revela que talvez eu seja um agente. Eles tiveram mesmo que me deixar adivinhar. Fizeram-me esquecer o que me deixaram adivinhar. Sou um instrumento do trabalho deles. Já me foi dado muito. Eles me concederam tudo. Outros agentes muito superiores a mim também trabalharam apenas (ruídos que impossibilitam a fala, a mulher parece estar sufocando) apenas para o que sabiam (...) pouquíssimas instruções (...) já me foi dado muito. “Falai, falai”, instruíram-me eles. Não nos foi dado papel principal no drama

cósmico. Estou tão cansada. Diante de minha adoração possessiva eu poderia retrair-me e nunca mais voltar. Talvez, uma vez, ele ainda se locomova do espaço até essa janela que desde sempre esteve aberta e baixe no nosso edifício, iluminando-o.

- Notas de uma terra devastada

NOTA 1: EU VI COISAS QUE VOCÊS NÃO ACREDITARIAM. MOMENTOS QUE SE PERDERÃO NO TEMPO. EXPLORAÇÃO DE OUTRAS ESPÉCIES. PLANETAS COLONIZADOS. É COMO SE A TERRA E AS SUAS ANTIGAS RUAS TIVESSEM SE TRANSFORMADO EM UM LIXÃO A CÉU ABERTO. OS PEIXES FORAM EXTINTOS. EU DEVERIA SIM TER ESTUDADO MAIS SOBRE A ESTRUTURA ÓSSEA DOS PEIXES. SERIA UM BOM ESTUDO. TERIA FEITO A DIFERENÇA. AINDA MAIS AGORA. ME ARREPENDO DE NÃO TER IDO EM BUSCA DOS LUGARES INABITADOS. OS LUGARES AINDA NÃO EXPLORADOS PELOS HOMENS. AGORA A PARALISIA TOMOU DE CONTA. OLHO PRA ESSA MONTANHA GELADA E FRIA DIARIAMENTE, POR HORAS E HORAS. TENTO ENTENDER COMO AS MUDANÇAS ACONTECERAM TÃO RAPIDAMENTE. AS CIDADES TINHAM MESMO QUE ACABAR. ERA O SACRIFÍCIO NECESSÁRIO. NÃO RESTOU NENHUM PÁSSARO. CRIEI MEU PRÓPRIO MUSEU ARQUEOLÓGICO DAS ESPÉCIES EXTINTAS. NÃO SEI QUE HORAS SÃO. FAZ TEMPO QUE NÃO SEI QUE HORAS SÃO. ESTOU DESENVOLVENDO UM MÉTODO INTERPESSOAL DE COMUNICAÇÃO PELO VENTO. TENHO TIDO BONS RESULTADOS.

NOTA 2: NASCERAM UMAS BOLHAS ESTRANHAS NA MINHA PERNA ESQUERDA. TALVEZ TENHA SURGIDO NO CONTATO DIRETO COM A ÁGUA DO MAR QUE TOMEI BANHO ONTEM. TALVEZ A RADIAÇÃO TENHA CHEGADO POR AQUI. TENHO PRESENCIADO ALGUNS ATOS DE CANIBALISMO. INICIEI UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO PODER

CURATIVO DAS PLANTAS DA AMAZÔNIA. CONSEGUI TER ACESSO A ELAS PELO MERCADO NEGRO DE BALI.

NOTA 3: FAZ UM TEMPO QUE OLHO PARA O CÉU. TENHO ESPERANÇA DE QUE ACONTEÇA ALGUM TIPO DE ARREBATAMENTO. FICO OBSERVANDO AS MUDANÇAS NATURAIS. É IMPOSSÍVEL CRIAR UM SISTEMA DE CAPTURA DO TEMPO. TENHO PRESENCIADO ALGUNS TERREMOTOS. HÁ UMA ESPÉCIE DE FURACÃO OU TORNADO RONDANDO AQUI POR PERTO. MINHA PELE DESCASCANDO. SINTO FALTA DOS PRODUTOS QUÍMICOS, DOS ANSIOLÍTICOS E DOS ANTIDEPRESSIVOS. AINDA TENHO A MÚSICA. ENQUANTO O GRAVADOR FUNCIONAR.

NOTA 4: ELES JÁ TINHAM ESSE PROJETO FAZ TEMPO E, ME ARRISCO A DIZER, ESSE PROJETO DE HUMANIDADE FOI CONSTRUÍDO GRADUALMENTE, DE MANEIRA QUASE IMPERCEPTÍVEL. OBVIAMENTE, OS MAIS ATENTOS ALERTARAM. EM CADA ÉPOCA HOVERAM APELOS PARA QUE ACORDÁSSEMOS E PARA QUE ALTERÁSSEMOS OS NOSSOS MODOS DE VIDA. INFELIZMENTE OS AVISOS FORAM INSUFICIENTES. OS ESFORÇOS DOS ATENTOS NÃO SURTIRAM EFEITOS. CONTINUO AMANHÃ, ESTOU CANSADA.

NOTA 5: ACORDEI ASSUSTADA NAQUELA NOITE. EU REALMENTE NÃO ESTOU PREPARADA PARA CONTAR TUDO O QUE VIVI NAQUELE SONHO. SONHEI COM DOIS CORPOS QUE BUSCAVAM FORMAS DE SOBREVIVER A UMA CATÁSTROFE. NO MOMENTO QUE UMA AMEAÇA SURTIU E DIZIMOU PARCELAS DA POPULAÇÃO TERRESTRE. FOI TERRÍVEL ACORDAR. LEVEI UM TEMPO PARA ME RECOMPOR. PASSEI ALGUNS DIAS ENVOLTA DE TUDO O QUE VIVI ALI NAQUELE SONHO. TENTEI ME CONVENCER DE QUE HAVIA SIDO APENAS UM SONHO, MAS COMECEI A PERCEBER QUE O QUE VIVI ESTAVA EM TUDO, ERA REAL. ELES JÁ TINHAM CHEGADO, JÁ ESTAVAM POR AÍ. TUDO ESTAVA CAPTURADO. O QUE VIVI NAQUELE SONHO FOI UMA ESPÉCIE DE REVELAÇÃO. DEPOIS DAQUELE SONHO NÃO PUDE VOLTAR A SER O QUE ERA. HOUVE ALI UMA ESPÉCIE DE REPOSICIONAMENTO EXISTENCIAL. ELES NÃO ESTÃO

INTERESSADOS NO DESLOCAMENTO DOS MODOS DE VER. SÓ INTERESSA A ELES A DESTRUÇÃO DE TUDO O QUE PODE NOS SALVAR. ELES FUNDARAM ESSA ÉPOCA EM QUE NADA MAIS ESTÁ GARANTIDO. ESQUECERAM DE ONDE VIEMOS E DOS QUE VIERAM ANTES DE NÓS. EU PRECISO ESPALHAR ESSA MENSAGEM. NÓS NÃO ESTAMOS SEGUROS AQUI. NÃO HÁ COMO ESCAPAR DA TERRA.

NOTA 6: HIROSHIMA. NAGASAKI. ACIDENTE NUCLEAR EM CHERNOBYL. LIXOS TÓXICOS DO LOVE CANAL. VAZAMENTO DE AGROTÓXICOS EM BHOPAL. CLORETO DE CÉSIO-137 EM GOIÂNIA. ACIDENTE NUCLEAR DE FUKUSHIMA. DERRAMAMENTO DE ÓLEO NO GOLFO DO MÉXICO. QUEIMA DE ÓLEO NO GOLFO PÉRSICO. DERRAMAMENTOS DOS NAVIOS EXXON VALDEZ E PRESTIGE. DRENAGEM DOS PÂNTANOS MESOPOTÂMICOS E DESERTIFICAÇÃO DO MAR DE ARAL. DERRAME TÓXICO DE ALUMÍNIO EM AJKA. EUTROFIZAÇÃO DA LAGOA DE ARARUAMA. VAZAMENTO DE ÓLEO NA BAÍA DE GUANABARA. VAZAMENTO DE ÓLEO NA BACIA DE CAMPOS. ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE MARIANA.

NOTA 7: OS RURALISTAS AVANÇARAM SEU PROJETO DE DOMINAÇÃO DO MUNDO PELA BOCA. ALIADOS AO PODER CENTRAL COMEÇARAM A VENDER PROPOSITAMENTE TODO TIPO DE CARNE CONTAMINADA. ERA UMA FORMA, SEGUNDO ELES, DE FAZER UMA ESPÉCIE DE CONTROLE DA NATALIDADE. AS CARNES ERAM VENDIDAS PARA OS PAÍSES MAIS POBRES. ENQUANTO ELES MATAVAM CONSCIENTEMENTE METADE DA POPULAÇÃO, OS ATIVISTAS AMBIENTAIS CRIAVAM SUAS FAZENDAS ECOPOLÍTICAS E OFERECIAM TREINAMENTOS SECRETOS PARA A DISSEMINAÇÃO DA LUTA ARMADA. NO BRASIL, TIVEMOS GRANDE PARTICIPAÇÃO DA PROVÍNCIA DO CEARÁ QUE ALIADA COM AS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS DA COLÔMBIA INVESTIRAM PESADAMENTE NO TRÁFICO DE SÁLVIA.

NOTA 8: OS PAÍSES ORIENTAIS CRIARAM SUAS PLATAFORMAS SUBAQUÁTICAS. DEVIDO AO AVANÇO DO MAR CIDADES INTEIRAS DEIXARAM DE EXISTIR. CÁPSULAS ALIMENTARES FORAM INVENTADAS

PELOS CIENTISTAS PARA A REPOSIÇÃO DE NUTRIENTES FALTOSOS NA DIETA DOS RICOS. EM MUITOS PAÍSES DA EUROPA HOVE O RETORNO DO SISTEMA MONÁRQUICO. NA AMÉRICA LATINA AS DITADURAS RURALISTAS ESCRAVIZARAM OS PAÍSES DA AMÉRICA CENTRAL. CUBA HOJE É UMA GRANDE PRISÃO SUBDIVIDA EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO ONDE NEGRAS, NEGROS, TRANSEXUAIS, MULHERES, TRAVESTIS E ÁRABES FORAM TORNADOS PRISIONEIROS DOS GRANDES PROPRIETÁRIOS DE TERRAS, TRABALHANDO EM SEUS PASTOS HABITADOS POR ANIMAIS GENETICAMENTE MODIFICADOS. HOVE UM CRESCIMENTO CONSIDERÁVEL DO TRÁFICO ILEGAL DE ANIMAIS EM EXTINÇÃO PARA COLECIONADORES DE UM PARTIDO POLÍTICO NOVO CHAMADO CAPITALISMO VERDE. OS MEMBROS DESSE PARTIDO SÃO OS DONOS DE GRANDES ZOLÓGICOS ONDE PESSOAS RICAS PAGAM UM ALTO PREÇO PARA OBSERVAR ANIMAIS RARÍSSIMOS. CIDADES SUBTERRÂNEAS FORAM FUNDADAS PARA FUGIREM DOS FURACÕES IMENSOS QUE SE FORMARAM E QUE JÁ FAZEM PARTE DO COTIDIANO GLOBAL.

NOTA 9: RAIMUNDO SANTOS RODRIGUES. CHICO MENDES. IRMÃ DOROTHY STANG. LUIZ CARLOS FARIAS MARTINS. JOSÉ CLAUDIO RIBEIRO DA SILVA. ALEXSANDRO DOS SANTOS GOMES. ALLYSSON HENRIQUE LOPES. Aponuyre GUAJAJARA. ASSIS GUAJAJARA. CANDIDE ZARAKY TENETEHAR. CLEIDIANE ALVES TEODORO. CLODIODI AQUILEU RODRIGUES DE SOUZA. EDILENE MATEUS PORTO. EDMILSON ALVES DA SILVA. ENILSON RIBEIRO DOS SANTOS. FERNANDO GAMELA. FRANCISCA DAS CHAGAS SILVA. GENÉSIO GUAJAJARA. GENIVALDO BRAZ DO NASCIMENTO. GERALDO DE CAMPOS BANDEIRA. IRAÚNA KA'APOR. ISAÍAS GUAJAJARA. ISAUQUE DIAS FERREIRA. IVANILDO FRANCISCO DA SILVA. JAISON CAIQUE SAMPAIO. JESSER BATISTA CORDEIRO. JOÃO LUIZ DE MARIA PEREIRA. JOÃO NATALÍCIO XUKURUKARIRI. JOÃO PEREIRA DE OLIVEIRA. JOEL MARTINS GAVIÃO KRENYÊ. JOSÉ BERNARDO DA SILVA. JOSÉ COLÍRIO OLIVEIRA GUAJAJARA. JOSÉ DIAS DE OLIVEIRA LOPES GUAJAJARA. JOSÉ LISBOA. JOSÉ QUEIROS GUAJAJARA. LEOMAR BHORBAK. LUCIANO FERREIRA DE ANDRADE. LUÍS

ALBERTO ARAÚJO. LUIS ANTÔNIO BONFIM. LUÍS CARLOS DA SILVA. LUIZ JORGE ARAÚJO. LUIZ VIANA LIMA. MARCUS VINICIUS DE OLIVEIRA. NILCE DE SOUZA. NIVALDO BATISTA CORDEIRO. RONAIR JOSÉ DE LIMA. RONI DOS SANTOS MIRANDA. RUAN HILDEBRAN AGUIAR. SEBASTIÃO PEREIRA DOS SANTOS. VALDIRO CHAGAS DE MOURA. VALDOMIRO LOPES DE LORENA. VILMAR BORDIM. ZÉ SAPO.

NOTA 10: (SILÊNCIO LONGO)

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NASCEMOS DE UM DESASTRE HISTÓRICO. O NOSSO TEMPO CARREGA UMA RUÍNA.

NOTA 11: (CANTAROLA “GUANTÁNAMO, A BASE DE GUANTÁNAMO, A BASE DA BAÍA DE GUANTÁNAMO”).

NOTA 12: ÀS VEZES EU PARO, OLHO PARA AS PLANTAS QUE AINDA ME CERCAM E TENTO IMAGINAR COMO ERA O PLANETA ANTES DA MINHA ESPÉCIE INICIAR TODOS ESSES PROCESSOS IRREVERSÍVEIS DE DESTRUIÇÃO EM LARGA ESCALA. “IRREVERSÍVEL” É UMA PALAVRA QUE VEM ME PERSEGUINDO. A NATURALIZAÇÃO DESSE MODO DE VIDA

CIVILIZATÓRIO QUE PÔS NOSSO MUNDO A PERDER. ESSA ESTRUTURAÇÃO DA MATRIZ ANTROPOCÊNTRICA DE PENSAMENTO. O HOMEM COLONIZOU O MUNDO, COLONIZOU AS OUTRAS ESPÉCIES, CRIOU OS TERRITÓRIOS E COLONIZOU SUA PRÓPRIA ESPÉCIE. O HOMEM BRANCO INVENTOU. O HOMEM BRANCO EUROPEU COLONIZOU, CIVILIZOU E ESSE PROCESSO CONTINUA EM CURSO. HÁ POUQUÍSSIMAS ÁREAS VERDES E SÓ RESTA LUTAR PELA PRESERVAÇÃO DESSAS POUQUÍSSIMAS ÁREAS VERDES, PELOS ANIMAIS EM EXTINÇÃO. PARAR. EU SÓ QUERIA PARAR. TUDO TÃO RÁPIDO. O RITMO ACELERADO QUE VIOLENTO MEU CORPO, VIOLENTA MINHA RESPIRAÇÃO, MINHA GESTUALIDADE, MINHA FALA, MEU MODO DE OPERAÇÃO. DECIDI INVENTAR UM CORPO PRA MIM. FABRICAR UMA QUALIDADE DE MOVIMENTAÇÃO E COMPOSIÇÃO CORPÓREA QUE MOSTRE A MIM E AOS QUE ESTÃO COMIGO OUTRAS CAPACIDADES DO HUMANO. FRACASSO. FRACASSO. FRACASSO. FRACASSO DIARIAMENTE NESTA TENTATIVA. DESENVOLVI SÍNDROME DO PÂNICO. PATOLOGIZARAM O PROCESSO DE DISTANCIAMENTO DA NATUREZA. TENTO ME RECONNECTAR COM O MUNDO. COM A MINHA ANCESTRALIDADE. COM A DEUSA. XAPIRIS. ESPÍRITOS DA FLORESTA. BRUXARIA XAMÂNICA. E OS ÍNDIOS CONTINUAM SENDO MASSACRADOS. FALO PORTUGUÊS E NEM SEI DE ONDE VIM. RECEBI ESSA LÍNGUA DE HERANÇA. HERANÇA MALDITA. HERANÇA MALDITA. O MEU PAÍS TENTA ME IMPOR UM MODO DE VIDA. REJEITO. NÃO ME SINTO PERTENCIDO. AMÉRICA LATINA. AS ROUPAS QUE EU VISTO. OS SAPATOS. TEORIAS DECOLONIAIS. PERMACULTURA. EU NASCI NA ESPÉCIE ERRADA. EU NASCI NA ESPÉCIE ERRADA. SÓ ME RESTOU O MOVIMENTO. MOVIMENTO DE INVESTIGAÇÃO EM GAIA. GAIA EM MIM. ARTE TERRANA. NÃO É A LUA, É A TERRA. SAÍDA DO CIBERESPAÇO. ELES QUEREM AGORA COLONIZAR OUTROS PLANETAS. A TERRA NÃO FOI O BASTANTE. OLHO PARA A LUA. MEDITO. DESACELERAÇÃO. DESACELERAÇÃO. DESACELERAÇÃO. NÃO SEI DE ONDE VEM O ALIMENTO QUE CHEGA ATÉ MINHA BOCA. TANTOS PROCESSOS QUÍMICOS. XAPIRI. ACHO QUE NÃO EXISTE XAPIRI NA CIDADE. OS XAPIRIS NÃO GOSTAM DO NOSSO CHEIRO. ELES SABEM O

QUE NÓS FIZEMOS. GAIA NÃO VAI PERDOAR. NÃO HÁ COMO ESCAPAR.
VAI VIR E VAI ATINGIR A TODOS. JÁ COMEÇOU. JÁ COMEÇOU.

NOTA 13: (UMA MÚSICA TOCADA NO PIANO)

Possíveis armas terranas

- Performatividade da tática defensiva “Black Block” dos movimentos de protesto altermundialistas
- Sistemas de parentesco e mapas totêmicos dos aborígenes australianos
- Organizações horizontais
- Novas formas de produção de subjetividades
- Circulação, mobilização e comunicação criadas pelas internet
- Organizações de guarda e troca de sementes e cultivares tradicionais em várias zonas de resistência camponesa pelo mundo afora
- Eficientes sistemas de transferência financeira extra-bancários do tipo *Hawala*
- Arboricultura diferencial dos indígenas amazônicos
- Navegação estelar polinésia
- “Agricultores experimentadores” do semiárido brasileiro
- Inovações hiper-contemporâneas como o movimento das ecovilas
- Psicopolítica do tecnoxamanismo
- Economias descentralizadas das moedas comunitárias, do *bitcoin* e do *crowdfunding*
- Permacultura
- Ecovilas
- Intervenções artísticas que estejam dispostas a romper a barreira arte/vida e agir diretamente na estrutura modificando-a e minando-a
- Ocupações de prédios desativados e abandonados
- Criação de comunas
- Hackers engajados
- Movimentos sociais
- Criação de uma peça de teatro com 500 pessoas
- Preparação para as guerras por vir e as já instauradas, criando maneiras sigilosas de treinamento e aprofundamento de táticas de defesa e ataque
- Bioterrorismo de gênero
- Experimentos políticos tais como a criação de casas coletivas e coletivos anárquicos de resistência
- Sonhares aborígenes
- MST
- MTST

- Ciclovida
- Sítio Brotando Emancipação
- Urban jungle
- Conviver com felinos
- Estudo das plantas, jardinagem e botânica

Bioterrorismo de gênero como arma terrana anti-colonial

Sinto necessidade de escrever esse fragmento

Sinto necessidade de escrever esse fragmento agora

Sinto necessidade de escrever

Sinto necessidade

Sinto necessidade de escrever esse fragmento tendo em vista o processo de transição pelo qual estou passando e a maneira como meu olhar sobre essa pesquisa ganha uma outra dimensão. Meu olhar sobre essa pesquisa ganha uma outra dimensão quando me insiro hoje em uma linha de risco onde o contato com as micro e macro violências se amplia para além de uma empatia. Assumo em meu corpo um bioterrorismo. A percepção aguçada do meu corpo(do bioterrorismo no meu corpo) me faz perceber movimentos que para mim antes eram invisíveis, pois não tocavam meu corpo diretamente. Nesse fragmento desenvolvo a ideia de bioterrorismo de gênero como uma estratégia anti-colonial de afrontamento ao modelo padrão do homem branco cis heteronormativo patriarcal, misógino, racista, machista e transfóbico. Esse padrão reforça as relações coloniais de poder através das categorias de gênero, raça e classe.

Escrever sobre Antropoceno hoje, pensando geologicamente sobre a estrutura terrestre é pensar também nos filhos de Gaia. Pensar o terrorismo de gênero em diálogo com uma ecologia de si e um auto-cuidado é entender ser parte natural do Sistema Terra. Entender então que nossa construção de gênero faz parte também desse mesmo projeto colonizador moderno que põe o nosso mundo a perder.

Falar sobre terrorismo de gênero é refletir sobre os níveis de transgeneridade e a maneira como os corpos normativos reagem ao nível alienígena de choque de materialidades dissonantes, discordantes e dissidentes. Os discursos violentos que não são visíveis aos que estão localizados em uma zona anterior de vulnerabilidade. Perceber a violência das colocações, das opiniões e das palavras não é o lugar de todos. Camadas e camadas de

existências dissidentes geram níveis de assimilação que, de acordo com o corpo em questão, acolhem ou rejeitam.

Quero então aqui escrever sobre os rejeitados. Os que não passam. Os que revelam os artifícios como uma maneira de inventar outros corpos, outros gestos, outros modos de relação e de postura no planeta. Essa verve monstruosa que gerou uma leva de CORPAS que não são assimiladas pelo campo do progresso, pois nesse mundo tal qual foi idealizado não há lugar para que nós possamos nos inserir. Precisamos então inventar um corpo. E é na invenção desse corpo. Na fabricação desse corpo que sugiro aqui um modo de resposta ao apocalipse.

Imersass nos desdobramentos do projeto colonial que não acabou e tendo consciência da ferida colonial que não cicatriza, nossos processos rasgam o corpo das estruturas normativas para responder de maneira contra-hegemônica ao projeto de assimilação com a norma.

Conceder espaço aos processos culturais que historicamente foram excluídos. Conceder espaço aos corpos que historicamente foram excluídos. E garantir suas permanências para além de uma linha tendenciosa. É preciso garantir a manutenção de seus trajetos, retirando-os da precarização.

Leituras-guia para entender o bioterrorismo como uma arma poética de construção de artificialidades que funcionam como armas de reatividade ao mundo que nós foi posto:

- Junkie – sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica, do Paul B. Preciado;
- O mundo é meu trauma, da Jota Mombaça; e
- Merci beacoup Blanco! Escrito experimento fotografia performance, da Michelle Mattiuzzi.

Interessa a mim então uma localização fronteiriça de gênero. O cuidado com os dispositivos de captura que acabam por reproduzir as opressões herdadas pelo projeto colonial de poder. É pela não-assimilação que busco um corpo monstruoso. Escrever sobre monstro aqui é propor um debate sobre o desmoronamento das certezas acerca do que nos cerca.

Sobre os sinais sussurrados pelos fonemas dos monstros, Hardi e Negri escrevem: “É preciso que encontremos a maneira de captar os sinais de aviso e de reconhecer as possibilidades do nosso mundo contemporâneo. Mesmo os modernos golens violentos incluem todo o mistério e a sabedoria da cabala: junto com a ameaça da destruição, portam a promessa e o milagre da criação. Talvez os monstros, como o golem, tentem transmitir sussurrando em segredo por entre o acidente do nosso campo de batalha global, um ensinamento acerca da monstruosidade da guerra e nossa possibilidade de redenção através do amor”. É a criação aqui que interessa. A fuga da norma para tornar possível a invenção de outras possibilidades corpóreas que estejam interessadas em executar um desvio do campo normativo. Um pouco também do que Paul B. Preciado escreve em seu Texto Junkie: “Não tomo testosterona para me transformar em um homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low tech* feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte”. Esse movimento apresentado por Preciado é também uma maneira de frustrar as expectativas que o cis-tema lança nos nossos corpos e através do enfrentamento e do terrorismo de gênero é possível causar impacto para repensar as relações de poder que atravessam nossos corpos, o que Paul B. denomina como regime farmacopornográfico. Para ele “(...) o sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em Pílula, nossa aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro. (...) Esse feedback performativo é um dos mecanismos do regime farmacopornográfico”. Esse novo modo de regimento da vida repleta de dispositivos de manipulação, controle e captura nos lança uma outra vivência do espaço e da vida que “a indústria farmacopornográfica sintetiza e define um modo específico de produção e consumo, uma temporalização masturbatória da vida, uma estética virtual e alucinógena do objeto vivo, uma arquitetura que transforma o espaço interior em exterioridade e a cidade em interioridade e junkspace por meio de dispositivos de autovigilância imediata e difusão ultrarrápida de informação, um modo contínuo de desejar e resistir, de consumir e destruir, de evoluir e se extinguir”.

É uma transformação do olhar que se imprime. A fabricação de outro olhar que percebe o mundo sensível de uma maneira desarticulada com a olhar normativo. O olhar construído pela norma. O olhar educado pela norma. O olhar manipulado pela norma.

Firma-se como uma maneira de sobreviver ao apocalipse. Ao anestesiamiento. A essa paralisia. Essa claustrofobia. Essa hipocondria. Eu sinto que devo habitar essa zona de risco. Habitar o contexto da zona de risco. Dessa zona dos que não buscam uma assimilação. Que não busca a beleza. Que não busca a harmonia. Porque a harmonia tal qual nos foi ensinada precisa ser questionada, ela precisa ser calculada. É através do artifício. É a fabricação do artifício. O artifício como prótese. O artifício como luta política. O artifício como alquimia. É na alquimia que me encontro hoje. Sinto que sou dona da minha vida. Sinto que posso sentir de outra maneira o espaço. A vivência do meu corpo no espaço. A forma como eu me coloco no espaço. Isso tudo faz parte desse movimento porque é esse movimento que eu faço. Esse movimento que eu produzo. Eu produzo o artifício. Eu sou produtora de mim mesma.

Produzir o artifício de maneira estratégica faz parte dessa alquimia prostética e do meu desejo de fazer terapia hormonal. Não para que eu me diga mulher, pois trabalhar com uma idealização do corpo feminino não é possível, tendo em vista que não se trata de um plano fixado em lugar nenhum. Habitar o nenhum lugar também faz parte desse movimento.

É a produção de um corpo alienígena que não se reconhece como fazendo parte desse planeta. Ou corpo zumbi morto-vivo. Eu não quero fazer parte desse mundo. Eu já perdi esse mundo. Já fui retirada dele. Sobrevivemos pelo espalhamento, pela forma como nos manifestamos umas nas outras, pois estamos aprendendo a matar os processos de individualização e entendendo a necessidade de realizar esse corte nesses tempos em que estamos inseridas. Estamos criando redes de fortalecimento e ajuda mútua. Tenho sentido isso muito isso com as trans. Acho que as trans têm entendido a importância desse movimento de ruptura. Estamos entendendo melhor as camadas de utilização do dinheiro. Estamos buscando superar a competição e o desejo de ser superior ao outro. Estamos tentando deixar de lado a vontade de se destacar. A vontade

de obter poder. O monopólio dos espaços. Estamos buscando incendiar o sistema.

Ainda seguindo com Paul B. Preciado: “Quando falo de uma ruptura introduzida pela noção de gênero, não pretendo designar a passagem de um paradigma político a outro extremamente diferente nem uma ruptura epistemológica que provocaria uma forma de descontinuidade radical. Na verdade, me refiro a uma superposição de camadas por meio da qual diferentes técnicas de produção e gestão da vida são interligadas e sobrepostas”. Entender as camadas e as nuances é nossa missão, pois para que possamos inventar estratégias de perfuração das paredes invisíveis que nos aprisionam precisamos entender de maneira superconsciente o funcionamento dessa mesma máquina necropolítica na qual estamos submersas. Precisamos então nos agarrar ao que escreve Jota Mombaça: “PORQUE SE O MUNDO, QUE É MEU TRAUMA, NÃO PARA NUNCA DE FAZER SEU TRABALHO, ENTÃO SER MAIOR QUE O MUNDO É MEU CONTRATRABALHO.”

O mundo é o meu trauma.

Precisamos ser maior do que o mundo para que o apocalipse não nos torne refém antes de todos os outros e sabemos que somos as primeiras da fila. E que quase ninguém fará os esforços necessários para nos tirar das linhas de mortandade. Somos corpos mutáveis e estamos passando por uma transição. Estamos passando por uma mudança e vemos nossos corpos se modificando, entrando em ciclos ininterruptos de transformações incessantes. Estamos vendo. Estamos vendo a proliferação das nossas capacidades. Estamos abandonando a nossa carcaça antiga.

Para Hakim Bey, no terrorismo poético (TP): “A reação do público ou choque estético produzido pelo TP tem de ser uma emoção ao menos tão ao forte quanto o terror – profunda repugnância, tesão sexual, temor supersticioso, súbitas revelações intuitivas, angústia dadaísta”. Essa sensação próxima ao terror ou ao choque é algo sempre presente no aparecimento em público dos corpos desviantes. A performatividade desses corpos, por vezes, independe de qualquer tipo de intenção artística ou estética. Como propõe Hakim Bey, esse

terrorismo poético gera um acontecimento de choque e terror que vai para além de suas vontades. Esses corpos estão buscando existir.

Porém, há também aqueles que se apropriam desse choque e do terror que seus corpos geram nos espaços públicos. Longe de buscarem a passabilidade e a assimilação normativa em seus corpos, inserem-se em um movimento que age no sentido de acentuar suas características monstruosas, através da produção de artifícios que geram estranhamento cognitivo. É como o termo “bug” utilizado pelos usuários de mídias digitais. O bug é um termo utilizado para denominar uma situação em que algo deixa de funcionar da maneira como se espera. O bug é a falha. O bug é o corte. O bug é o momento em que as expectativas desmoronam. Somente após o bug podemos iniciar um movimento de criação e invenção das possibilidades corpóreas para além do que se espera de um corpo humano inserido dentro das lógicas binárias.

Escrevo então aqui sobre performatividade monstruosa desses corpos, que agem de maneira terrorista, alterando a estética de seus corpos, na intenção de ampliar a sensação de estranhamento que causam nos olhares normativos. Entendo esse movimento como uma estratégia de produção de uma arma terrana de enfrentamento no Antropoceno. Algo muito próximo do que Hakim Bey nomeia como Terrorismo Poético, que aqui prefiro chamar de terrorismo de gênero, utilizando como referência uma fala de Linn da Quebrada: “Experimento a estética de forma radical porque eu percebo o quanto a estética interfere nas relações, porque a forma como eu me mostro ou como eu me exponho pro mundo diz respeito a forma como as pessoas vão me tratar a partir disso. Se eu fosse mais masculinizada isso teria uma influência direta nas minhas relações, isso teria uma influência direta nos espaços que eu poderia ocupar. E por eu escolher me posicionar no território feminino, isso muda tudo, todo o âmbito desorganiza e, inclusive, faz com que as pessoas fiquem completamente confusas na forma como me tratar”. Essa mudança da carcaça através da inserção prostética dos artifícios civilizatórios, com a intenção de gerar o choque ou até mesmo o terror, desmoronando as certezas dos corpos colocados em situação de conformidade com a norma é, para mim, umas das maneiras de responder ao contexto de guerra planetária na qual estamos inseridas e também como estratégia decolonial.

Nossos corpos não rompem com a cisnormatividade apenas na construção imagética, mas também na maneira como gerenciam suas relações. Existe algo muito interessante acontecendo. Algo como uma rede de fortalecimento e apoio que acaba por superar ou inventar uma maneira alternativa aos processos de individuação gerados pelo capitalismo e pelo projeto moderno de dominação colonial. Matar os processos de individualização é um movimento necessário para esses tempos, criando redes de fortalecimento e ajuda mútua.

Os olhares. Tento esconder a minha pele descamada. Tenho medo que desconfiem. Medo que desconfiem que carrego um ovo dentro de mim. E enquanto o ovo expande sinto dores. O ovo pesa e sinto dores cada vez maiores enquanto ele cresce e rasga as paredes do meu intestino. Ele queima e sinto que aprendo novas capacidades que antes não sabia ter. É como se um mundo totalmente novo me fosse revelado. Percebo que não havia existido até então. Não completamente. Uma aura de morte sempre presente pairava no teto, acima da minha cabeça, do meu corpo. A aura de morte continua aqui comigo, mas resolvi enfrentá-la. Eu, através das torções consideradas diabólicas, espremi meus músculos para suportar as dores causadas pelo crescimento do ovo. Tento esconder os sintomas, tento me esconder das pessoas ao meu redor, mas sinto que já não consigo mais, pois a transformação metamórfica já iniciou e minhas escamas já começam a ficar visíveis. Eu estaria então me transformando em um monstro?

A transformação ganha um status de monstruosidade, pois realça sim minhas características de deslocamento da norma. Percebo que minha gestualidade se modificou. É como se eu tivesse concedido permissão a mim mesma. Refletir sobre isso é vivenciar no corpo o desvio real do dispositivo normativo de captura. Ele rege nossos corpos e nós não temos a percepção

necessária para entender até onde vai o limite do nosso desejo, da nossa vontade de ser outro e da castração de nossas capacidades corpóreas.

Uma vez que você escolhe não mais se inserir nesse padrão normativo de corpo, outras qualidades de movimentação lhe são apresentadas. Outras qualidades vocais lhe são apresentadas. Outros modos de ser lhe são apresentados. Acho que pode ser sim um possível caminho metodológico de fabricação desses modos terranos de entendimento da guerra planetária em curso. Ou melhor dizendo, o que aqui escolhi chamar de fabricação de um corpo terrano.

Ativismo terrano

Por uma dissolução da fronteira entre arte e vida

Esse texto foi escrito inteiramente em comunhão com o pensamento de Ranci era em seus escritos na sua “Partilha do sensível”.

As constru es poéticas do contemporâneo buscam novos modos de sentir e novas formas de subjetividade política.   necessário perseguir uma fusão da arte com a vida. O maior engajamento político da arte, em mundo onde o projeto moderno fracassou,   a saída para romper com o discurso único da história. Buscando dessa maneira um regime de identifica o e pensamento das artes, o que implica abandonar a pobre dramaturgia do fim e do retorno, propondo dessa maneira o desvio de uma história única, fazendo da arte um testemunho do encontro com o irrepresentável que desconcerta todo pensamento.

Entender a arte dentro de uma esfera micropolítica nos permite v -la como “maneira de fazer” que interv m na distribui o geral das maneiras de ser e formas de visibilidade. Como formas de inscri o no sentido da comunidade. O fazer artístico como inscri o ou como hier glico finca no sentido do comum uma potência de desvelamento que pode fazer o homem atentar para uma paisagem anterior ao pré-existente de si.

Outro viés importante   a ideia da cria o de interface entre suportes diferentes. Ranci ere, em seu livro *A partilha do sensível*, traz essa ideia de interface como um ato político. Ato político por romper com a lógica representativa que separa o mundo das imita es da arte do mundo dos interesses vitais e das grandezas político-sociais.   contra essa separa o que a arte deve agir. Criando uma re-parti o política da experiência do comum. Fazendo um recorte sensível do comum da comunidade, das formas de sua visibilidade e de sua disposi o, construindo uma rela o estética/política.

Sabendo que o discurso não garante uma boa poética, uma boa dramaturgia, como montar estratégias poéticas de resistência? A experiência do sensível não precisa ser a experiência do verdadeiro. O campo

artístico encontra sua independência justamente a partir da transgressão, através do caráter transgressor da arte. A intervenção política do artista não se dá apenas em seu campo intencional. É necessário trabalhar o sensível como uma máquina de guerra, pensando a partir de uma anatomia do político e da co-presença de temporalidades heterogêneas. Uma anacronia. Tendo a arte como uma manifestação do inconsciente.

Para uma manifestação poética dos nossos dias, é necessário enxergar a verdade não como algo a ser descoberto, mas como algo a ser inventado. A verdade como um efeito. Fabricação de verdades. É importante celebrar a desmistificação moderna do misticismo artístico. Identificar a arte do singular, desobrigar a arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes. Implodir a barreira mimética e da verossimilhança que ainda impede o caráter de subversão que gera potência criadora de mundos singulares. Criar uma nova relação com o antigo.

Pensar a arte dentro de um modelo de modernidade que fracassou ou que nunca chegou a existir é também pensar em uma arte que se produz na fronteira entre as linguagens, na mistura dos gêneros e dos suportes. Chegar a uma arte insuportável. Uma arte que não se localiza em saberes determinados. Que rompe com as limitações que cada linguagem traz com seus cânones e tradições. Que forma híbridos potentes oriundos dessa mistura entre os territórios artísticos e também em um diálogo constante com a voz ecoante dos movimentos políticos. A arte precisa buscar um diálogo com as pautas dos movimentos políticos, na tentativa de ter sim seu espaço garantido (ou seja, o espaço para a experimentação da linguagem), mas também atuando com como aliada dos movimentos que se insurgem contra a lógica capitalista. Deve ser do interesse dos artistas produzir na fronteira entre esses movimentos de resistência e a produção artística. Onde se unem, onde se distanciam, onde se auxiliam? Como a arte pode evidenciar as questões trazidas pelos movimentos? Como somar aos movimentos através da experimentação artística, do corpo manifesto e dos diversos suportes? Como propor outras abordagens poéticas e políticas para além do discurso verbal e da linguagem cotidiana? Onde o lugar do artista e do ativista podem dialogar? Onde esses lugares podem se borrar?

Onde eles precisam se distanciar? Como mediar essa relação sem excluir nenhum dos lados?

Com Rancière também podemos pensar acerca dos perigos em torno do pensamento de vanguarda. Não devemos absorver da vanguarda o partidarismo que busca pretensas e fugazes inovações estéticas. Esse ideal de superação também é algo que devemos deixar morrer com a modernidade. O que devemos aprender com as vanguardas é sobre o pensamento de futuro que antecipa uma comunidade por vir e pensa os limites materiais de uma vida por vir. Devemos entender a potência que a arte ganha ao abandonar os grandes acontecimentos para começar a falar sobre a vida dos anônimos, sobre a vida ordinária, sobre os processos de dissidência, o processo de explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e trabalhar operando na reconstituição de mundos a partir de vestígios de uma história que ainda não foi visibilizada. Ampliando, dessa maneira, o arquivo da história. Proclamando a beleza de um banal que se institui como verdadeiro a partir de um efeito de fantasmagoria. Montando máquinas de compreensão complexas.

Em arte e política, devemos pensar não a construção de utopias com nossas ficções, mas heterotopias. Propor, em suas maneiras de fazer, um caráter de “irrealidade”, de montagem de palavras e de imagens, para reconfigurar o território do visível, do pensável e do possível.

É importante reforçar o coro de uma crítica aos que pensam que as práticas de arte se constituem como uma exceção com relação às outras práticas. A arte antecipa o trabalho porque realiza o princípio dele: a transformação da matéria sensível em apresentação a si da comunidade. Suprimindo assim a ideia de arte como atividade separada, devolvendo-a ao trabalho e à uma vida que elabora seu próprio sentido. Pois é como trabalho que a arte pode adquirir o caráter de atividade exclusiva. Importante então entender que a arte não se constitui como exceção com relação às outras práticas, ela não acontece em outro plano, não é algo que se insere na ordem divina, no plano dos deuses. De maneira separada. O que ela pode e deve fazer é representar e reconfigurar a partilha dessas outras atividades e práticas. Propondo, em seu fazer, uma comunidade por vir.

Não há mais um lugar definido para a política. Perguntamos aqui juntamente com Jean-Luc Nancy quando se questiona sobre o político: “como retraí-lo/retraçá-lo, traça-lo, traça-lo de novo, diferentemente?” (2015, p.168) É preciso revolvê-la através de uma reconstrução do estar junto, de maneira coletiva, fortalecendo o comum. É importante questionar que tipos de circuitos legitimam o comum e onde ele se torna possível de acontecer, assim perceber também que tipo de ações o desestabiliza e o enfraquece. Precisamos tirar da política sua responsabilidade de aglutinação do comum e passar a entender que tipo de política pode ser extraída do comum. Mais importante ainda é lutar por uma política que abra espaço para o dissidente, ou seja, para o que diverge dos debates que geralmente são colocados no centro da política. Quais são os debates que estão hoje no centro das pautas políticas? E quais devem ser colocados com urgência? Como multiplicar o espaço das pautas? Como pluralizar as pautas sem conceder a uma o lugar de importância enquanto as outras permanecem à margem?

O que nasce de uma política que já sufocou? Que caminhos alternativos estão sendo criados como resistência ao silenciamento de um diálogo que não se efetue por não estar no centro do debate? Que tipos de alternativas estão sendo inventadas como uma resposta ao poder central? Por uma impossibilidade de diálogo com o poder central, reinventa-se o com-junto. O ser junto. As ecovilas, a permacultura, os assentamentos, os quilombolas, a demarcação das terras indígenas, dentre outros.

Como criar uma zona de indiscernibilidade onde o trânsito entre terráqueo e terrano seria possível? Como agir a partir de um entendimento não-dicotômico entre o rompimento total com as estruturas terráqueas ou a subserviência total a elas? Como seria possível inventar espaços de subversão ou trânsito, fendas ou desvios, infiltrações e cavidades submersas? A fundação de uma outra estrutura, uma estrutura terrana também passa pelo entendimento de que podemos atualmente imaginar outros modos de operação que não estejam dentro da lógica do romper x permanecer, mas sim escolher estrategicamente os nossos rompimentos e as nossas permanências, as nossas posturas, os nossos enfrentamentos, os nossos fingimentos, as nossas performatividades cotidianas para fingir jogar o jogo dos terráqueos com o intuito

de agir contra eles. Como transversalizar nossas pautas sabendo quando ser um devir imperceptível e quando ser um devir explosivo do enfrentamento severo? Como agir a partir de pautas múltiplas que não silenciam umas às outras? Como as pautas dos artistas podem se unir às pautas do movimento negro? Como as pautas dos artistas podem se unir às pautas do movimento indígena? Como as pautas dos artistas e das artistas podem se unir às pautas dos movimentos feministas? Como as pautas dos artistas podem se unir às pautas dos movimentos por moradia? Como as pautas dos artistas acadêmicos podem se unir às pautas dos artistas de rua? Como as pautas dos artistas podem se unir às pautas do movimento pela luta do clima? Como que a discussão sobre os direitos da natureza entra no campo das Artes? A formulação de uma nova economia remexe as entranhas do mercado de arte?

Entendendo que ocupar o lugar de artista já é se colocar numa zona de enfrentamento e marginalidade, por que buscamos uma interminável assimilação com o sistema das Artes que acaba por reproduzir a ideia de mercado capitalista? Por que, ao invés de buscar assimilação, não tentamos inventar outras formas de existência que carreguem em si um devir insurrecional? Como ser um artista insurgente? Como ser um artista terrano? Um artista que não busca ser herói, mas que busca ser marginal, citando aqui Hélio Oiticica. Citando aqui também Brian Massumi: “É através de suas margens de manobra que os parâmetros operacionais dos modos de existências são expandidos” (2014, p. 30), precisamos então encontrar a expansão dos modos de existências através da localização das margens de manobra.

MANIFESTO PERDA DO MUNDO.

A destituição do terráqueo. Escrito por uma legião. Múltiplas vozes. Por um corpo possuído por uma legião de alienígenas que não aceitam mais perpetuar esse modelo falido de modernidade civilizatória. Queremos mesmo é que sangre. Trabalhando com as feridas abertas e escarificadas.

Consideramos o fim do mundo como um acontecimento fractal, pois assim escreve Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro definindo-o como: “uma espécie de acontecimento fractal, que se reproduz indefinidamente em diferentes escalas, das guerras etnocidas em diversas partes da África ao assassinato sistemático de líderes indígenas ou militantes ambientalistas na Amazônia, da compra de territórios gigantescos de países pobres por potências hiperindustriais à grilagem e desmatamento de terras indígenas por interesses minerários e agronegociais, à expulsão de uma única família de camponeses para a ampliação de um campo de soja transgênica... Isso para não falarmos da ‘fractalização’ do fim que percorre de cima a baixo a Grande Cadeia do Ser, com a desapareição dos inumeráveis Umwelten [mundos próprios] dos viventes” (DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins, p.139). Terráqueos, herdeiros do uno.

Os herdeiros desse mundo. Os herdeiros da fratura do mundo. Serão eles que ficarão com a fratura desse mundo quando essa ficção apocalíptica denominada por civilização tiver um fim. Já estamos no fim e não queremos mais perpetuar essa farsa. Queremos uma nova organização que proponha um impedimento, uma quebra, uma fissura, uma rachadura que mobilize outras possibilidades de desfecho. Falamos aqui do olho do furacão. Da boca do tornado. De dentro de um dos milhares buracos negros do universo. Sabemos que todos os esforços estão sendo feitos para que as nossas existências sejam mutiladas e apagadas. Esforços esses que intencionam agir para que o trajeto planetário desemboque em um fim onde os terráqueos continuarão sendo os herdeiros desse mundo. Nós não compactuamos com esse desfecho. Julgamos necessário cessar e reverter o processo interminável de colonização no qual estamos imersas. E pretendemos fazer essa ruptura através da subversão dos seus modos de operação falidos. Não queremos mais machos comandando essa nave incendiária. Nós vamos destruir as suas casas e vamos roubar os seus filhos homens para que sejam todos educados por corpos dos quais vocês nunca iriam querer proximidade. Por corpos que vocês julgam sujos e incapazes de oferecer uma estrutura potente de desenvolvimento de um ser. Vocês temem o fim do planeta. Vocês temem o fim da vida no

planeta. Vocês nos localizam e nos capturam em suas diversas chaves de entendimento, mas a nossa chave é a ficção. Jogamos o seu real no lixo. Não queremos o seu real. Não queremos mais a sua dimensão limitadora de realidades. Vocês programaram e elaboraram um projeto de realidade. Vocês, os herdeiros desse mundo. Ou pelo menos é assim que vocês se sentem. Nós estamos agora rejeitando essa narrativa inventada que vocês tentam nos impor. Nós estamos inventando agora as narrativas que nos interessam. As narrativas que nos libertam. E entraremos na disputa. Não estamos aqui pedindo permissão, pois entraremos chutando e arrombando suas portas. Faremos a retomada do mundo e devolveremos suas vias respiratórias. Explodiremos o seu mundo e desmoronaremos suas certezas, pois como escreve Tertuliana Lustosa: "A ferida colonial ainda sangra na destruição dos povos da terra – humanos, animais, vegetais, minerais –, mas não há como ignorar as feridas não cicatrizadas e elas podem ser trabalhadas mesmo na dor." (Manifesto Traveco-terrorista). Acreditamos no verbo LUTAR também com o objetivo de travar embates para que outras existências sejam garantidas. Para além das nossas. Pensamos ser importante estar dispostas a defender o espaço do outro, mesmo que o nosso lado não seja beneficiado. Uma quantidade de força merece ser imprimida,

por acreditamos na importância da entrada de outros em espaços que vocês, por diversos motivos, já estão instalados por gerações posteriores e desejam permanentemente isolar a entrada por medo de perder o monopólio. Vocês precisam deixar de utilizar a presença do outro de maneira extrativista, garantindo que não seja esse apenas um lugar temporário, mas defendendo a continuidade, a perpetuação do que nós acreditamos. Para que o curso possa seguir. Sem enjaulamentos. Com sangue no olho contra o retrocesso. Contra o avanço do conservadorismo. Seremos estratégicas como o corte de um cirurgião.

Compartilhamos de um sentimento de não-pertencimento ao ambiente natural de habitação: a terra. Entendemos o corpo como uma entidade separada da natureza, criando a dicotômica e esgotada ontologia de toda uma cultura ocidental fundada a partir da ideia de que seria possível ao homem ser um ente independente dos processos naturais e do que se entende por natureza. É a ficção da natureza subjugada aos interesses do homem branco europeu civilizador, em sua busca insaciável por riqueza, poder, eternidade, supremacia e soberania, fundando assim, para citar Rita Natálio: “o oceano da co-alienação entre mudança climática e capitalismo corporativo” (NATÁLIO, 2016, p. 03).

Esse manifesto intenciona agir contra o projeto de dominação neodesenvolvimentista arquitetado pelo capitalismo e por um projeto moderno que nunca chegou a cumprir seu papel. Somos aliadas dos que tentam elaborar estratégias de combate, fundando modos de resistência com seus corpos. Uma resistência ecopolítica. Somos aliadas de pensadores, artistas e cientistas do clima que estão interessados em questionar de maneira brutal a estrutura antropocêntrica de pensamento que colonizou os nossos corpos, os nossos discursos e nossas formas de ver. Estamos aliadas aos teóricos que tentam desmontar o projeto de civilização que o mundo europeu tentou incutir em nossas mentes e em nossos corpos. Somos aliadas dos interesses e das vozes ecoantes dos povos indígenas e do povo negro. Somos aliadas dos que permanecem à margem, seja por escolha, seja por falta de opção. Somos aliadas dos que veem a crise como uma oportunidade para fazer desmoronar de vez esses procedimentos estratégicos que nos

aprisionam e nos adoecem, que desejam nos alienar na poeira do esquecimento, retirando a força vital dos que creem que outro mundo seria possível.

Essa escrita é um manifesto e uma obra. Essa escrita é um manifesto e uma obra. Utilizamo-nos aqui de termos elaborados por Bruno Latour e também desenvolvidos por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, seguimos pensando o Antropoceno para elaborar estratégias de combate ao fim que se anuncia e sobre a guerra dos terráqueos contra os terranos. É preciso reconhecer que estamos em uma guerra, entender contra quem estamos nessa guerra e de que lado estamos nessa guerra, realizando então uma recusa do presente agenciamento cosmopolítico instaurado pelos Modernos (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2014, p. 117).

Essa guerra do Antropoceno não pode ser uma guerra para continuar a promover uma só raça, uma só vida. Não se pode silenciar a história das vidas que foram apagadas pela colonização. Importante atentar então para o que escreve Nicholas Mirzoeff: "(...) que tipo de 'homem' é subentendido quando falamos de Antropoceno?" (MIRZOEFF, 2016, p.07). O autor lança a resposta: "No

enquadramento temporal do Antropoceno (...), tal sistema só pode significar dominação 'branca' (euro-americana) sob populações africanas, asiáticas e nativas que foram colonizadas e escravizadas" (idem, ibidem, p.07). Essa é um manifesto de ficção científica sobre a insurgência dos terranos como um povo por vir ou ainda a construção de uma estratégia terrana que parte da visibilização e do aprendizado com os que já viveram o genocídio, pelos que são netos dos que viveram o genocídio, pelos que são bisnetos dos que viveram o genocídio, pelos que tiveram seus antepassados assassinados, pelos que tiveram sua linha genealógica interrompida. Nós, os terranos, somos os que se posicionam contra os terráqueos. Nós, os terranos, não queremos dar seguimento ao pensamento colonial. Não queremos ir na fonte para buscar no contato com os descendentes dos povos assassinados as suas receitas de felicidade, como fizeram e fazem eles ainda. Ser terrano é entender que são eles os corpos capazes de oferecer suporte firme para uma remodelação do mundo tal como conhecemos. É preciso então não apenas ouvir suas vozes já tão silenciadas, mas deixar que eles estejam à frente desse processo de restauração mundial, pois "(...) toda política do Antropoceno precisaria, em resposta, começar por ser antirracista e anti-colonialista" (idem, ibidem, p. 08).

Pensar o Antropoceno é fazer como escreve Rita Natálio: “(...) muitos mundos estão a morrer ou já faleceram, enquanto o mundo dominante anuncia ironicamente um Grande Fim (também chamado Antropoceno)” (2016, p.03). Contra o fim de que mundo estamos lutando quando apagamos o mundo de diversos segmentos que já viveram o apocalipse de seus mundos? Escrever sobre o não-humano é localizar um conceito de humanidade pensado pelo mundo dominante para gerar um processo interminável de Outros que não cabem dentro do conceito de humanidade. O não-humano é o que o mundo põe para fora do humano. Tudo o que não coube dentro. Para Rita Natálio, seguindo o pensamento de Ailton Krenak:

Para pensar o fim do mundo, teríamos então que pensar no genocídio de muitos mundos subalternizados, entre eles o mundo dos rios, o mundo indígena, o mundo dos escravizados, todos reunidos na categoria de não-humano que foi intensamente explorada como recurso da antipolítica, mas que taticamente resiste ao desastre de formas que apenas podemos tatear. (2016, p. 04)

Como subverter as narrativas de dominação dos humanos/terráqueos no Antropoceno com a criação de contra-narrativas, ou melhor, narrativas contra-hegemônicas terranas? Como não continuar silenciando as vozes dos segmentos minoritários realizando assim o impulsionamento e a visibilização de modos de vida que surgem

distante ou à margem do que se mantém no centro do debate? Potencializar a multiplicidade das vozes. Pôr em cheque a noção de sujeito universal capaz de agir como um só povo. Agir contra a política do uno, contra os porta-vozes do Universal. Essa é uma maneira de inventar uma poética terrana para as Artes.

A crise planetária é o meteoro. A crise planetária é o meteoro que expande os limites do pensamento terráqueo. A crise planetária é o meteoro que teve início com o massacre de tudo o que não se encaixou no perfil do que se entendia por terráqueo. A CRISE PLANETÁRIA É A NOVA FORMA DE GOVERNAR! O massacre continua, desdobra-se e perpetua-se até os dias atuais. É preciso violentar a imaginação com essa temática para o surgimento de materiais artísticos que dialoguem com um futuro por vir consciente do apagamento do passado desses segmentos que foram abortados do projeto humano neodesenvolvimentista, "(...) o Antropoceno começou com um massivo genocídio colonial" (MIRZOEFF, 2016, p. 20). Há uma barbárie por vir: a intrusão de Gaia, anuncia Isabelle Stengers. Essa alteração do tempo-espço não é algo para ainda inventar. Há, no tempo presente, uma alteração na forma de pensar o tempo-espço ocasionada pelas alterações

climáticas e modificações causadas pela ação humana na esfera terrestre e no território de diversos povos. O que Stengers nomeou como INTRUSÃO DE GAIA é a forma como a crise planetária (ou ainda um fenômeno planetário) afeta diretamente as nossas vidas e das outras espécies vivas.

Tendo consciência dos efeitos gerados por esse contexto e o surgimento de um corpo da sobrevivência terrana ou, para citar Viveiros de Castro e Deborah Danowski, um corpo do qual “(...) se subtraíram suas condições fundamentais de existência” (idem, ibidem, p. 61), devemos sempre forçar nossa lembrança para pensar que antes desses acontecimentos, o próprio homem branco retirou as condições fundamentais de existência de outros povos. Precisamos de corpos implicados e dispostos ao treinamento para o surgimento de um corpo terrano resiliente (o corpo da sobrevivência). Precisamos erguer espaços para aprender a sobreviver com os corpos que tiveram suas existências quase que totalmente extintas pelo projeto de dominação europeu. Precisamos alterar os rumos dos nossos pensamentos quando o debate acerca da crise climática surge. Precisamos modificar nosso posicionamento existencial desviando nossas posturas

da reprodução de estratégias que continuam silenciando e apagando as vozes de diversos segmentos minoritários. Precisamos reverter a sensação de extrema impotência diante do quadro que se revela. Precisamos produzir estratégias de resiliência e resistência através da criação de uma arte terrana:

[...] Eles se confundiriam assim, talvez, antes que com o 'público fantasma' das democracias ocidentais [...], muito mais com aquele *povo que falta* de quem falam Deleuze e Guattari, o povo menor de Kafka e Melville, a raça inferior de Rimbaud, o Índio que o filósofo devém [...] o *povo por vir*, capaz de opor uma 'resistência ao presente' e de assim criar 'uma nova terra', o *mundo por vir*. (VIVEIROS DE CASTRO e DANOWSKI, 2014, p. 126).

O antigo ideal de fuga do planeta Terra fracassou. Não haverá colônias humanas em outros planetas. A colonização dos outros planetas seria uma forma de continuidade de um pensamento que falhou. É necessário e urgente que voltemos nosso olhar para dentro. Não mais para o espaço, mas com o intuito de adentrar a Terra. Redirecionar o olhar para o dentro. “[...] A direção não é para frente, plus ultra, e sim para dentro, plus intra, de volta para casa” (LATOURETTE, 2014, p. 12). Há algo de urgente nisso. A transição do terráqueo para o terrano ocorre de maneira metamórfica através de um reposicionamento existencial. A saída está na volta. Na alteração da rota.

O terráqueo está voltado para o fora. O terrano é o que olha para dentro. Da Terra. E não de si apenas. O ser em composição com o corpo voltado para dentro do planeta que habita. Em conexão com o planeta que habita. Esse é o pensamento da revolução terrana. É um pensamento necessário.

Tomamos como prioridade a descolonização permanente dos nossos corpos e sabemos que a criação não é o lugar da consciência, mas o lugar onde é preciso se experimentar no território do desconhecido. Defendemos uma arte da perda do domínio e do controle. Da perda do controle para além da dimensão da identidade. E A busca de uma corporeidade que investigue a criação de uma experiência ritualística de exposição das mazelas repassadas aos nossos corpos como uma espécie que foi capaz de aniquilar e colonizar elementos humanos e não-humanos, servidos por uma matriz antropocêntrica de pensamento que acreditou ter o homem como protagonista do drama cósmico. Em nome desse protagonismo o humano aniquilou, colonizou e civilizou o planeta, as outras espécies e a própria espécie. Em nome da construção de um mundo moderno, no qual reina o progresso, o crescimento econômico e a busca desmedida por uma aceleração do tempo que violenta nossos corpos, nossos gestos e nossos modos de existir.

Queremos expor através dos nossos corpos o lamento de catástrofes ambientais como as acontecidas em Hiroshima, Nagasaki, Chernobyl, Mariana. Movemo-nos na tentativa de não esquecer dos ativistas ambientais mortos. O Brasil: país onde mais ambientalistas são assassinados. Dançamos o massacre dos povos indígenas. A destruição planetária em larga escala. Na tentativa de expor as vísceras de uma estrutura falida onde o minoritário não encontra espaço para existir e ser.

Escolhemos não contar e não criar dramas inteligíveis especulativos de um futuro por vir. Tivemos uma epifania após noites sem dormir devido aos pesadelos apocalípticos que insistiam em retornar: inúmeras catástrofes e acontecimentos que ameaçavam dizimar parcelas da população terrestre. Consideramos difícil acordar todos os dias. Precisamos sempre de um tempo para nos recompor. Tentamos nos convencer através de uma negação. Tentamos imaginar um futuro, dançando em um mundo repleto de árvores imensas. Um mundo onde ainda existisse oxigênio para respirar. Fracassamos nessa tentativa. Um niilismo paralisante tomou conta de nós. Só nos restou o movimento. Dançamos hoje com nossas carcaças alienígenas uma espécie de reposicionamento existencial. Dançamos à beira de mares contaminados. Consideramos impossível voltarmos a

sermos as mesmas. Nos interessa os deslocamentos dos modos de ver, enquanto a eles apenas interessa a destruição de tudo o que poderia ter nos salvado. Eles fundaram essa época em que nada mais está garantido. Esqueceram de onde viemos e dos que vieram antes de nós. Nós não estamos seguros aqui. Não há como escapar da Terra.

PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ALFABETO DO TRABALHO

Acabar o mundo, torcer o mundo (2016), de Rita Natálio: esse texto fez parte da oficina de imaginação política realizada pela 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva. Nesse texto Rita Natálio traz questionamentos valiosos sobre o conceito de Antropoceno, traçando paralelos com o mundo indígena e o mundo dos povos que foram escravizados.

A fabricação do corpo na sociedade xinguana (1979), de Eduardo Viveiros de Castro: um estudo de Viveiros de Castro sobre o conceito de fabricação do corpo presente nos povos Yawalapiti.

A horda zumbi (2013), de Alexandre Nodari e Flavia Cera: artigo que desenvolve uma reflexão sobre a subjetividade humana a partir da figura dos zumbis.

Antonin Artaud: o artesanato do corpo sem órgãos (1999), de Daniel Lins: Esse livro é uma invenção de escrita a partir dos escritos de Antonin Artaud. É uma poesia teórica sobre viver com as vísceras e sobre inventar modos de expansão da consciência.

Antropoceno: O antropoceno para Paul Crutzen e Eugene Stoermer seria o que eles entendem como uma nova época geológica que se seguiu ao Holoceno. Para eles, o Antropoceno teria se iniciado com a Revolução Industrial e se intensificado após a segunda Grande Guerra (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2014, p.15). Definir o exato momento do início dessa época não é o interesse desse manifesto, mas sim entender combativamente os desdobramentos catastróficos causados pela agência humana no Sistema Terra. A época do superaquecimento, da mudança climática, do acúmulo de gases de efeito estufa, a época onde a espécie humana corre o risco de colidir espetacularmente.

Aos nossos amigos: crise e insurreição (2016), do Comitê Invisível: livro escrito por autores anônimos aborda a crise mundial a partir dos movimentos de insurreição que surgem na no período planetário atual.

A queda do céu (2015) de Davi Kopenawa e Bruce Albert: esse livro é um alerta de Davi Kopenawa para que o homem branco escute seus apelos acerca

do que estão causando ao planeta. É também a construção de uma antropologia a partir da voz dos índios e dos povos “menores” do planeta.

Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro (2012), por Cleber Lambert e Larissa Barcellos: entrevista realizada pela revista Primeiros Estudos com o intuito de comentar conceitos desenvolvidos pelo autor em seu livro *Metafísicas canibais*.

Ficção científica: É um gênero da literatura e do cinema conhecido pela criação de realidades outras e pela fabricação de criaturas inexistentes no plano do real tal qual foi concebido ou ainda pela possibilidade de materializar através de construções poéticas o que a ciência formula apenas como hipótese ou especulação. A palavra ficção científica é utilizada nesse manifesto na tentativa de alcançar a formulação de ficção política onde seja possível materializar agentes que não se comprometam apenas com a esfera do documento. Uma licença poética para o cruzamento de dados reais e documentais com elementos imaginativos.

Gaia: a Terra entendida como um sistema, mas como aquilo que tem uma história. Uma geo-estória.

Guerra de mundos (Para distinguir os amigos e inimigos no tempo do Antropoceno, 2014, Bruno Latour): Essa ideia é retirada de Bruno Latour quando ele fala, nesse texto, que estamos em uma guerra cosmopolítica. Uma guerra do Antropoceno onde há a introdução das agências não-humanas nos planos dos debates e discussões.

Há mundo por vir: ensaio sobre os medos e os fins (2014) de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro: Este livro é a tentativa de invenção de uma mitologia adequada ao presente, tomando como experiência de pensamento os debates atuais em torno do “fim do mundo”.

Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin (2013) de João Gabriel Lima e Luis Antonio Baptista: esse artigo desenvolve a trajetória do conceito de experiência nos escritos de Walter Benjamin.

Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (1987), de Walter Benjamin: esse livro é uma reunião de ensaios

escritos por Walter Benjamin. Dele, uso especialmente os textos sobre experiência.

Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX (1991), de Donna J. Haraway: nesse texto, Donna Haraway traz a figura do ciborgue para desenvolver um escrito de ficção-científica, lançando questionamentos sobre sexo, gênero e relações entre o humano e o mundo.

Não é o antropoceno, é a cena da supremacia branca; ou a linha divisória geológica da cor (2016), de Nicholas Mirzoeff: Esse texto faz parte da oficina de imaginação política promovida pela 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva. Nesse texto, Nicholas Mirzoeff questiona o conceito de Antropoceno a partir de uma análise interseccional dos povos humanos, onde traz um outro olhar acerca da crise climática.

No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima (2015), de Isabelle Stengers: Nesse livro, Isabelle Stengers desenvolve sua escrita a partir da relação entre o homem e o mundo. Esse livro é uma intervenção de Isabelle com o objetivo de suscitar perplexidade. Esse livro é um convite para que possamos gritar em alto e bom som: OUTRO MUNDO É POSSÍVEL!

O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1 (2010), de Gilles Deleuze e Félix Guattari: os autores trabalham nesse livro ideias como a relação entre o capitalismo e a esquizofrenia; a edipianização e a neurotização do desejo; a esquizoanálise e a retomada do processo de produção do inconsciente.

O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza (1996), de Ilya Prigogine: o autor lança nesse livro questões sobre o tempo, sobre a ciência e sobre a maneira como nos relacionamos com o conhecimento.

Os mestres loucos (crítica de Paulo Ricardo de Almeida). Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/60/osmestresloucos.htm>. Acesso em 2018: Crítica escrita para o site Contracampo sobre o filme *Os mestres loucos* de Jeane Rouch.

O que os animais nos ensinam sobre política (2017), de Brian Massumi: o autor trabalha nesse livro com as noções como jogo, simpatia e criatividade através de uma observação do comportamento animal.

O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III) (2008), de Giorgio Agamben: é nesse livro de Giorgio Agamben que ele desenvolve sua reflexão em torno do muçulmano nos campos de concentração.

O teatro e seu duplo (2006), de Antonin Artaud: livro onde Antonin Artaud expõe seus pensamentos acerca do teatro combatendo o textocentrismo e propondo um outro tipo de abordagem acerca do corpo no ocidente.

Para acabar com o julgamento de Deus (1975), de Antonin Artaud: texto tirado de uma transmissão radiofônica em que Artaud fez com ajuda de alguns amigos.

Para distinguir os amigos e inimigos no tempo do Antropoceno (2013), de Bruno Latour: Palestra proferido no Simpósio “Thinking the Anthropocene”, na École d’Hautes Études em Science Sociales, em Paris. Nesse texto Latour desenvolve um pouco sobre sua ideia sobre os terranos e os terráqueos e sobre a ideia do desenvolvimento de outro tempo no Antropoceno. Desenvolve também a recusa de separação entre Natureza e Humanidade: a “bifurcação da natureza”.

Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria (2017), de Karen Barad: Artigo importante para a pesquisa por trazer o conceito de performatividade pelo viés das discussões em torno do pós-humano, questionando as representações em torno das palavras, das coisas e dos seus significados.

Poética: A poética nesse manifesto é um programa e não uma compilação de procedimentos já descobertos, já aplicados. Essa poética elenca procedimentos, ações e proposições para a construção de uma arte terrana.

Protocolo: registro desdobrado em relato poético de algum acontecimento, encontro, experiência. O protocolo guarda o passado quando o registra e aponta para o futuro quando arma perguntas sobre o presente.

Quando dizer é fazer (1990), de John Langshaw Austin: Nesse livro Austin desenvolve sua teoria dos atos de fala.

Terranos: É um conceito ainda obscuro. Não há como localizar uma definição única para o que seriam os terranos. Esse conceito foi elaborado por Bruno

Latour e desenvolvido por Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. Os terranos, nesse manifesto, seriam o povo por vir ou uma legião de insurgentes. Seriam os causadores da insurreição. Os porta-vozes da revolução. Os corpos que não estiveram na frente da construção terráquea de planeta, os corpos que tiveram suas identidades silenciadas. Ou ainda corpos dispostos a transicionar de terráqueos para terranos. Os terranos são corpos a serem descobertos e fabricados. Ou observados para o aprendizado.

Terranos e poetas: o “povo de Gaia” como “povo que falta” (2013), de Juliana Fausto: esse artigo é um apelo a partir da guerra de mundos de Bruno Latour. Um apelo que sejam tornadas audíveis as vozes dos povos não-humanos.

Terráqueos: Com esse termo estou querendo falar sobre o que se acostumou chamar de humano. Me utilizo bastante desse termo a partir da ideia de Bruno Latour sobre a guerra dos humanos contra os terranos. Os terráqueos são os humanos de Bruno Latour. Sobre a construção do que se entender por humanidade ou espécie humana. Ou humanos habitantes do planeta Terra. Os terráqueos, em sua história, criaram grupos e divisões hierárquicas baseadas no poder e no biopoder, onde atuaram na promoção de determinadas vidas em prol da precarização e do genocídio de outros grupos terráqueos. Organizam-se atualmente por demarcações de territórios com suas inúmeras subdivisões, com seus inúmeros idiomas e diferenciações.

Transição de terráqueo para terrano: A transição de terráqueo para terrano é algo ainda para ser abordado com delicadeza e cuidado. Latour utiliza o filme *O cavalo de Turim* de Béla Tarr, utilizando o exemplo dos dois protagonistas do filme como possíveis terranos que cessarem de ser humanos. No manifesto escrito por mim também listo diversas estratégias terranas e corporeidades de transição do que entendo por terranos baseado nos estudos de Bruno Latour, Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Juliana Fausto.

